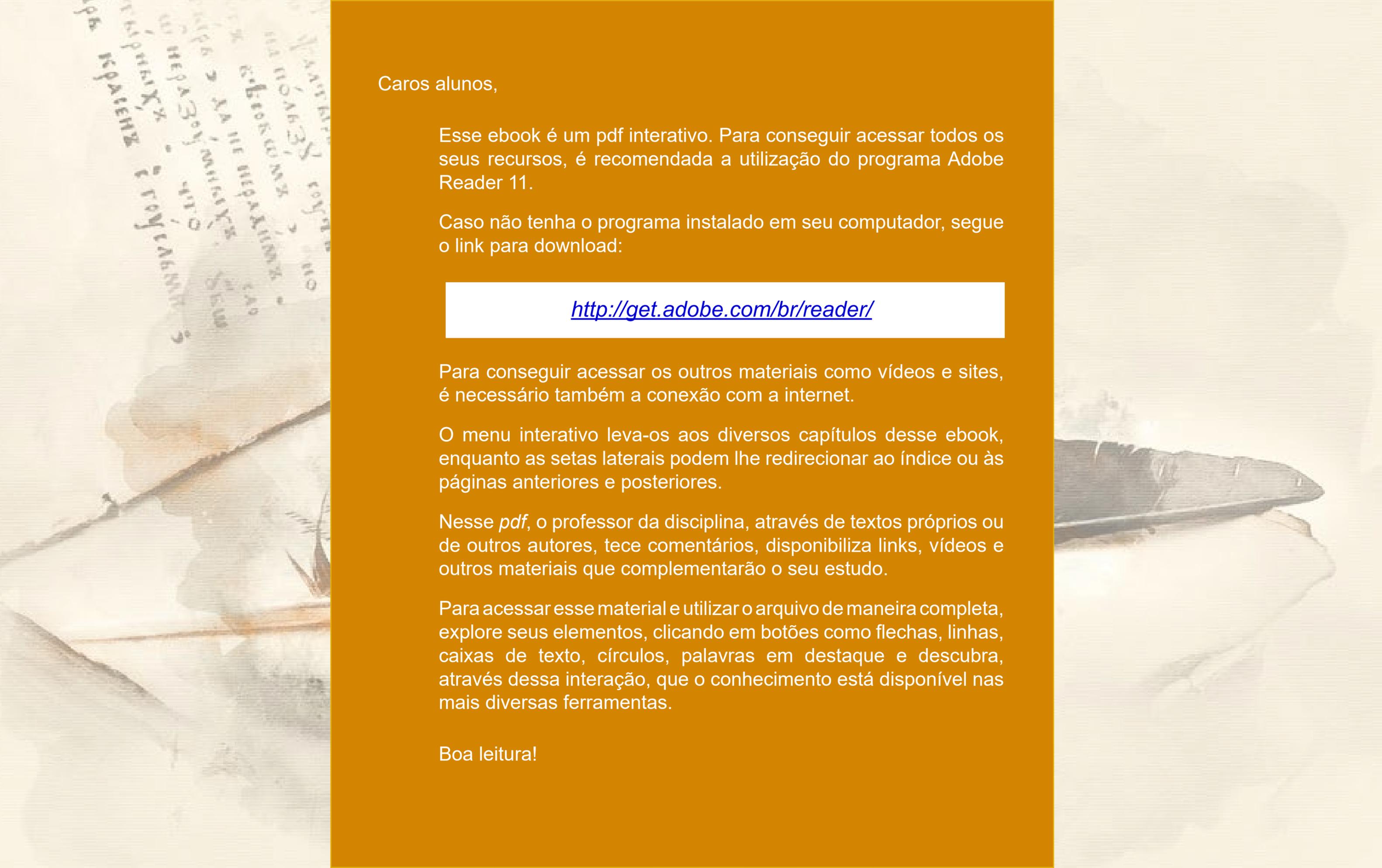




Introdução aos Estudos Literários

Prof. Dra. Priscila Finger do Prado



Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO

1. A Literatura e o mundo	04
2. A literatura do mundo (e os grandes temas literários)	12
Considerações finais	34
Referências bibliográficas	36

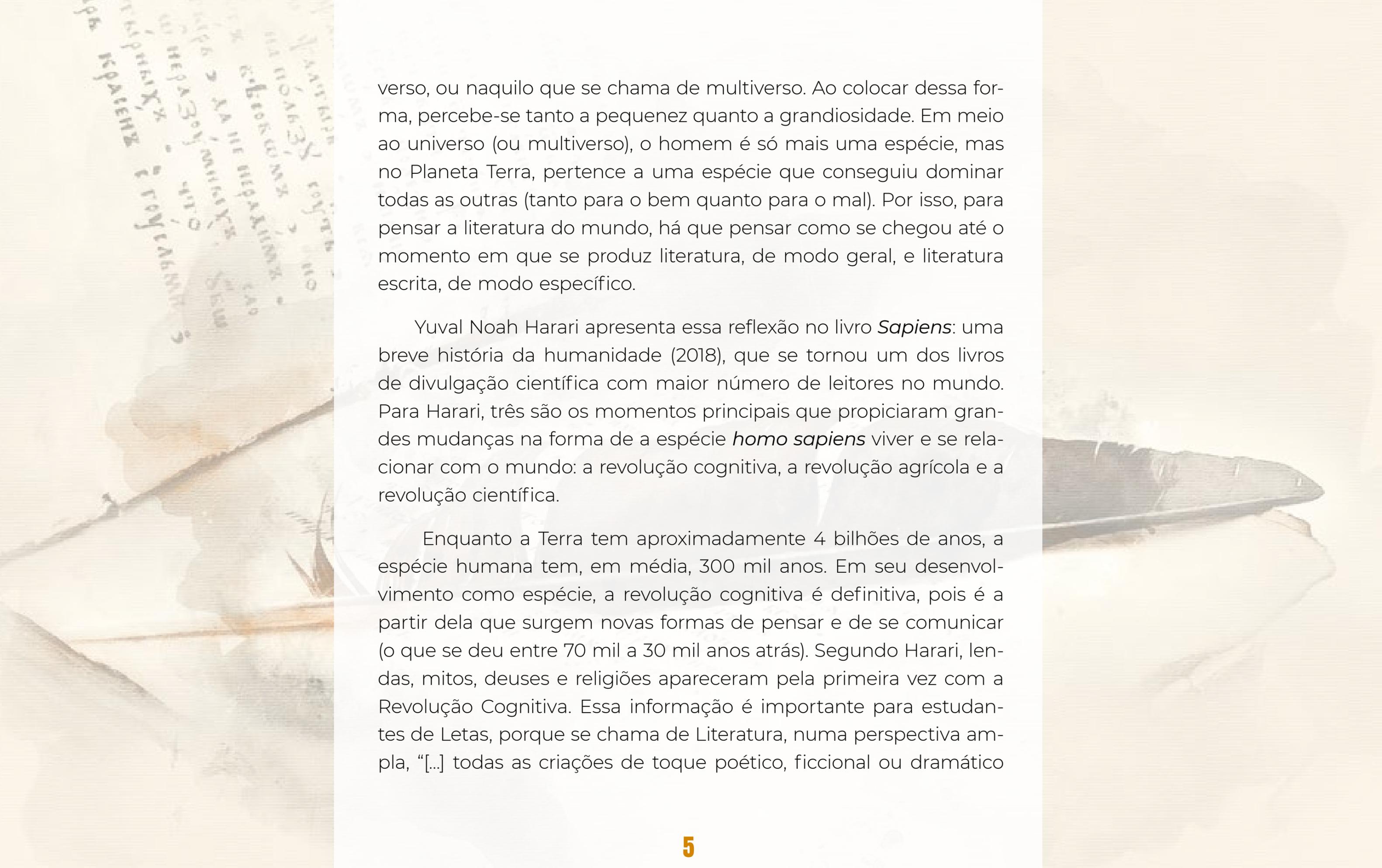
1. A Literatura e o mundo

Imagem 1 – Recriação da Via Láctea, com as bordas dobradas



FONTE: CHAO LIU / ACADEMIA CHINESA DE CIÊNCIAS. Disponível em: https://brasil.ele-pais.com/brasil/2019/02/04/ciencia/1549310038_743463.html. Acesso em 22/01/2021.

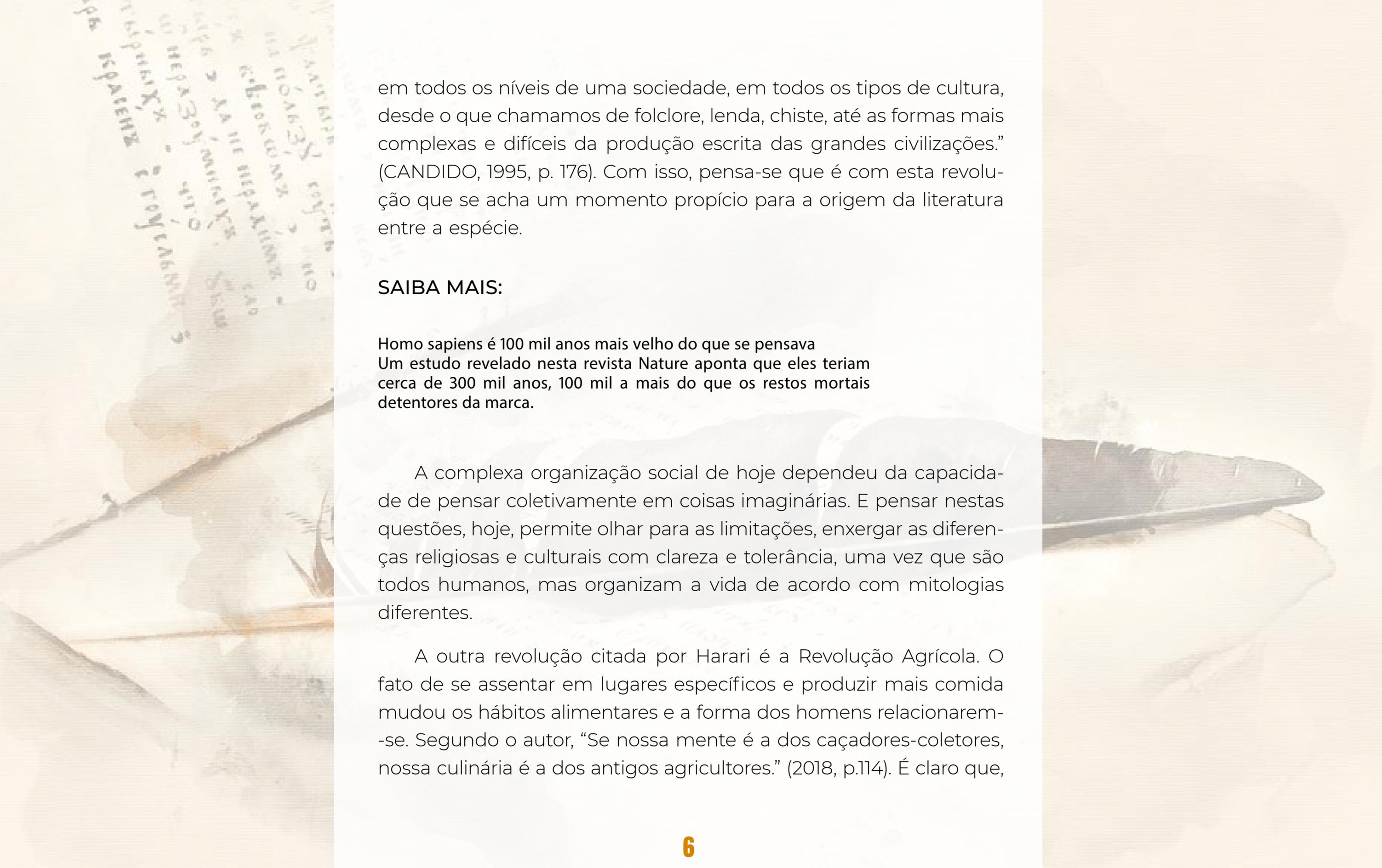
O que se chama mundo nada mais é do que um planeta (o planeta Terra) em meio a um sistema (o sistema Solar), que faz parte de uma galáxia (a Via Láctea), entre tantas outras existentes no uni-



verso, ou naquilo que se chama de multiverso. Ao colocar dessa forma, percebe-se tanto a pequenez quanto a grandiosidade. Em meio ao universo (ou multiverso), o homem é só mais uma espécie, mas no Planeta Terra, pertence a uma espécie que conseguiu dominar todas as outras (tanto para o bem quanto para o mal). Por isso, para pensar a literatura do mundo, há que pensar como se chegou até o momento em que se produz literatura, de modo geral, e literatura escrita, de modo específico.

Yuval Noah Harari apresenta essa reflexão no livro *Sapiens*: uma breve história da humanidade (2018), que se tornou um dos livros de divulgação científica com maior número de leitores no mundo. Para Harari, três são os momentos principais que propiciaram grandes mudanças na forma de a espécie *homo sapiens* viver e se relacionar com o mundo: a revolução cognitiva, a revolução agrícola e a revolução científica.

Enquanto a Terra tem aproximadamente 4 bilhões de anos, a espécie humana tem, em média, 300 mil anos. Em seu desenvolvimento como espécie, a revolução cognitiva é definitiva, pois é a partir dela que surgem novas formas de pensar e de se comunicar (o que se deu entre 70 mil a 30 mil anos atrás). Segundo Harari, lendas, mitos, deuses e religiões apareceram pela primeira vez com a Revolução Cognitiva. Essa informação é importante para estudantes de Letras, porque se chama de Literatura, numa perspectiva ampla, “[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático



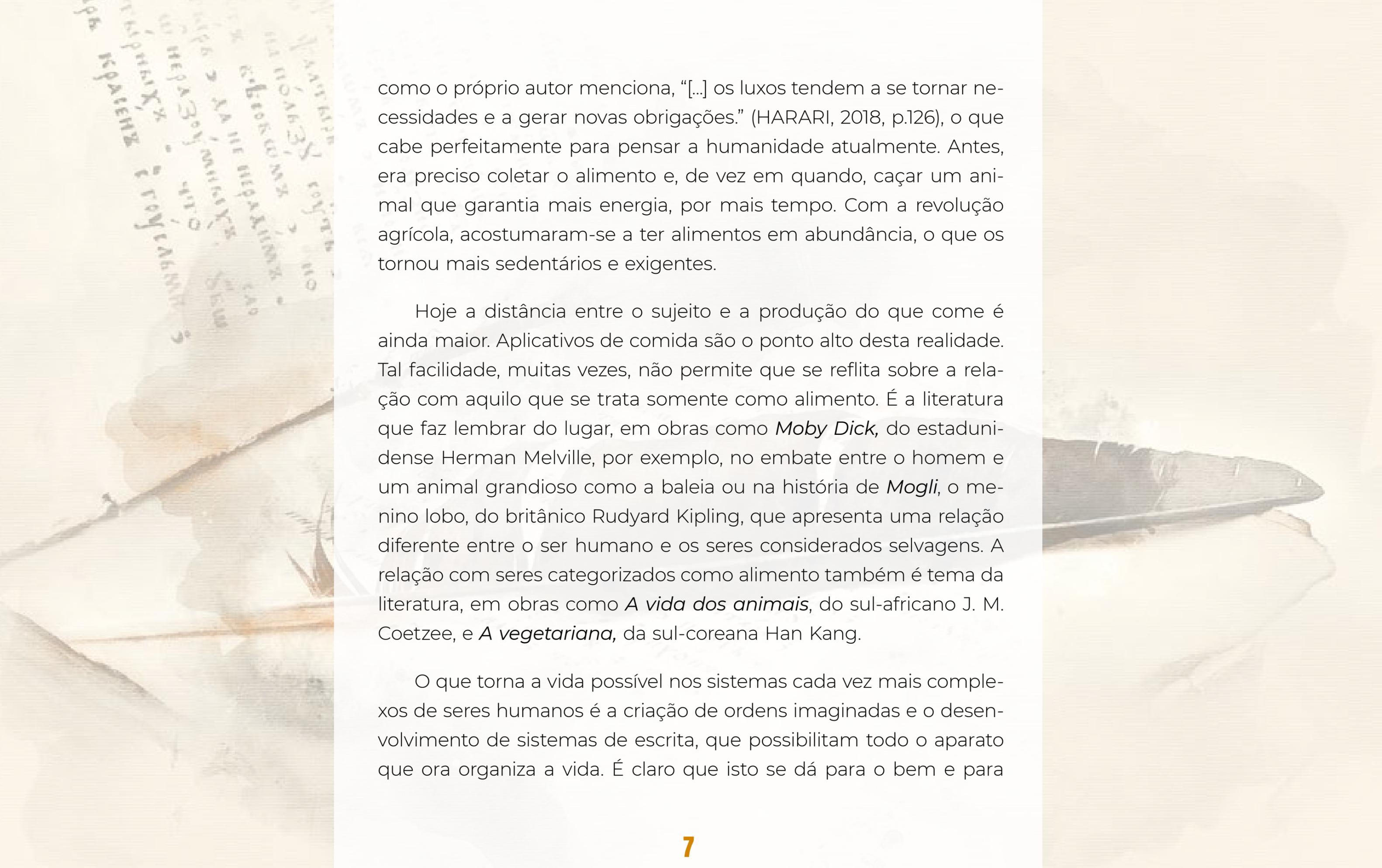
em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” (CANDIDO, 1995, p. 176). Com isso, pensa-se que é com esta revolução que se acha um momento propício para a origem da literatura entre a espécie.

SAIBA MAIS:

Homo sapiens é 100 mil anos mais velho do que se pensava
Um estudo revelado nesta revista Nature aponta que eles teriam cerca de 300 mil anos, 100 mil a mais do que os restos mortais detentores da marca.

A complexa organização social de hoje dependeu da capacidade de pensar coletivamente em coisas imaginárias. E pensar nestas questões, hoje, permite olhar para as limitações, enxergar as diferenças religiosas e culturais com clareza e tolerância, uma vez que são todos humanos, mas organizam a vida de acordo com mitologias diferentes.

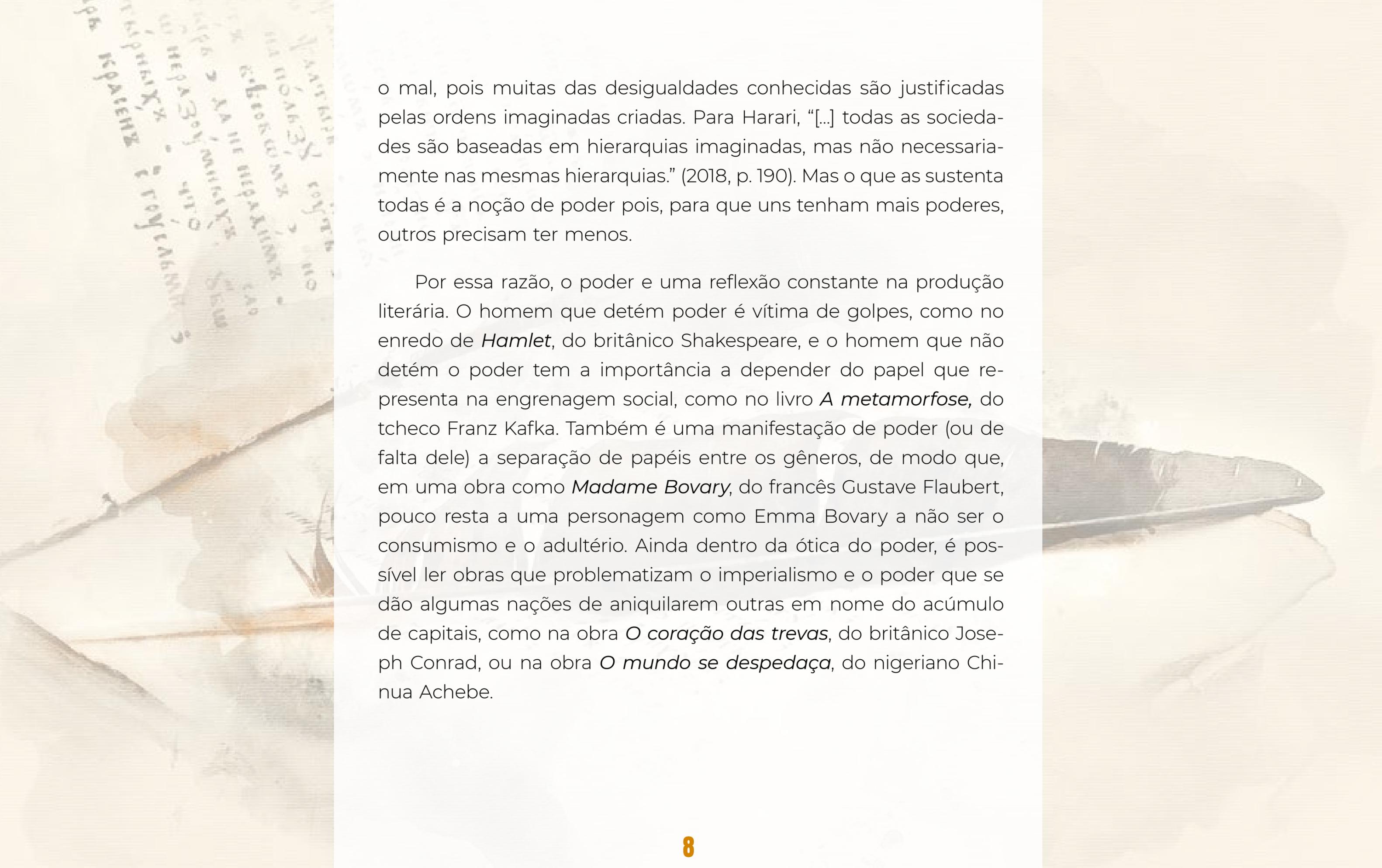
A outra revolução citada por Harari é a Revolução Agrícola. O fato de se assentar em lugares específicos e produzir mais comida mudou os hábitos alimentares e a forma dos homens relacionarem-se. Segundo o autor, “Se nossa mente é a dos caçadores-coletores, nossa culinária é a dos antigos agricultores.” (2018, p.114). É claro que,



como o próprio autor menciona, “[...] os luxos tendem a se tornar necessidades e a gerar novas obrigações.” (HARARI, 2018, p.126), o que cabe perfeitamente para pensar a humanidade atualmente. Antes, era preciso coletar o alimento e, de vez em quando, caçar um animal que garantia mais energia, por mais tempo. Com a revolução agrícola, acostumaram-se a ter alimentos em abundância, o que os tornou mais sedentários e exigentes.

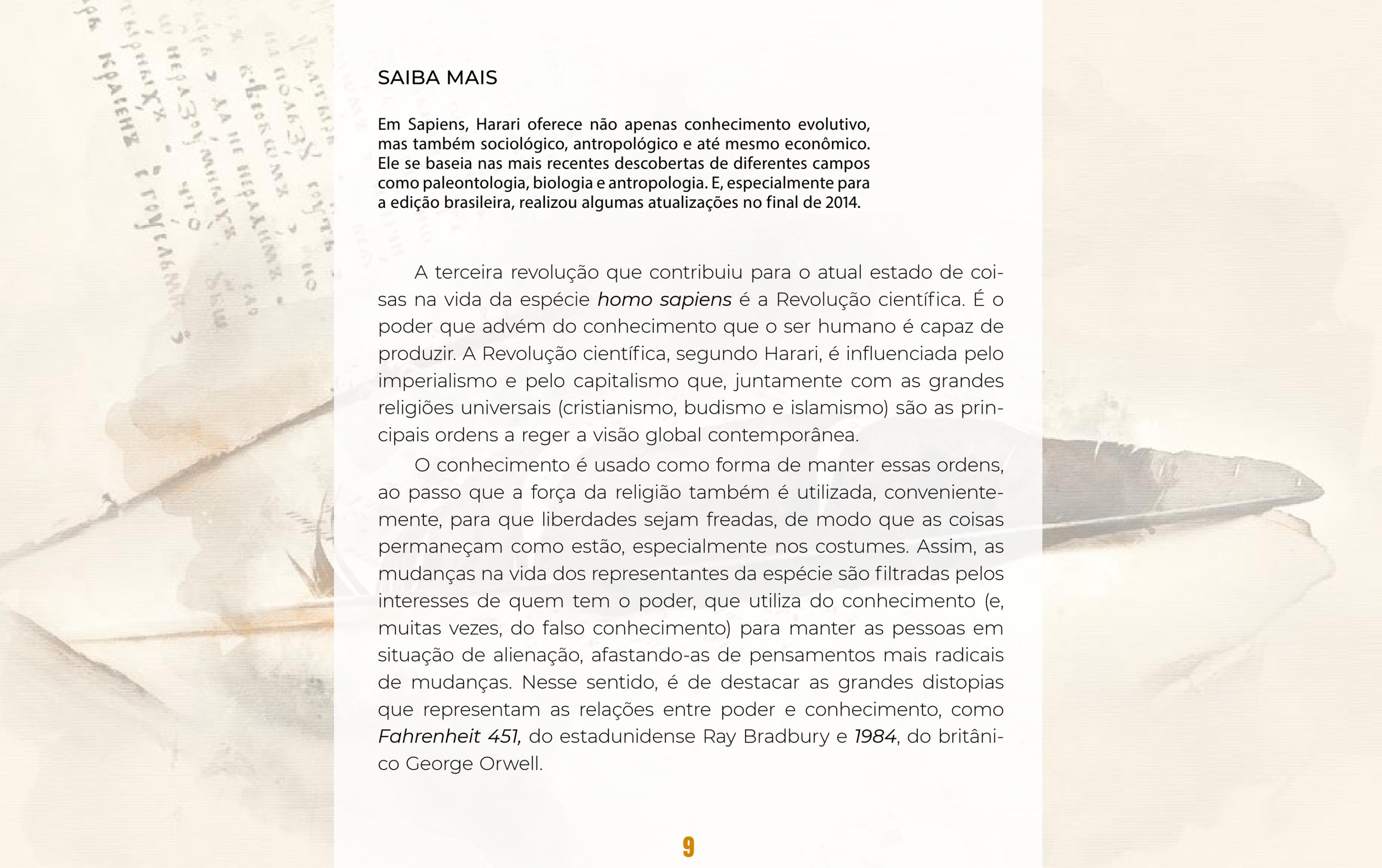
Hoje a distância entre o sujeito e a produção do que come é ainda maior. Aplicativos de comida são o ponto alto desta realidade. Tal facilidade, muitas vezes, não permite que se reflita sobre a relação com aquilo que se trata somente como alimento. É a literatura que faz lembrar do lugar, em obras como *Moby Dick*, do estadunidense Herman Melville, por exemplo, no embate entre o homem e um animal grandioso como a baleia ou na história de *Mogli*, o menino lobo, do britânico Rudyard Kipling, que apresenta uma relação diferente entre o ser humano e os seres considerados selvagens. A relação com seres categorizados como alimento também é tema da literatura, em obras como *A vida dos animais*, do sul-africano J. M. Coetzee, e *A vegetariana*, da sul-coreana Han Kang.

O que torna a vida possível nos sistemas cada vez mais complexos de seres humanos é a criação de ordens imaginadas e o desenvolvimento de sistemas de escrita, que possibilitam todo o aparato que ora organiza a vida. É claro que isto se dá para o bem e para



o mal, pois muitas das desigualdades conhecidas são justificadas pelas ordens imaginadas criadas. Para Harari, “[...] todas as sociedades são baseadas em hierarquias imaginadas, mas não necessariamente nas mesmas hierarquias.” (2018, p. 190). Mas o que as sustenta todas é a noção de poder pois, para que uns tenham mais poderes, outros precisam ter menos.

Por essa razão, o poder e uma reflexão constante na produção literária. O homem que detém poder é vítima de golpes, como no enredo de *Hamlet*, do britânico Shakespeare, e o homem que não detém o poder tem a importância a depender do papel que representa na engrenagem social, como no livro *A metamorfose*, do tcheco Franz Kafka. Também é uma manifestação de poder (ou de falta dele) a separação de papéis entre os gêneros, de modo que, em uma obra como *Madame Bovary*, do francês Gustave Flaubert, pouco resta a uma personagem como Emma Bovary a não ser o consumismo e o adultério. Ainda dentro da ótica do poder, é possível ler obras que problematizam o imperialismo e o poder que se dão algumas nações de aniquilarem outras em nome do acúmulo de capitais, como na obra *O coração das trevas*, do britânico Joseph Conrad, ou na obra *O mundo se despedaça*, do nigeriano Chinua Achebe.

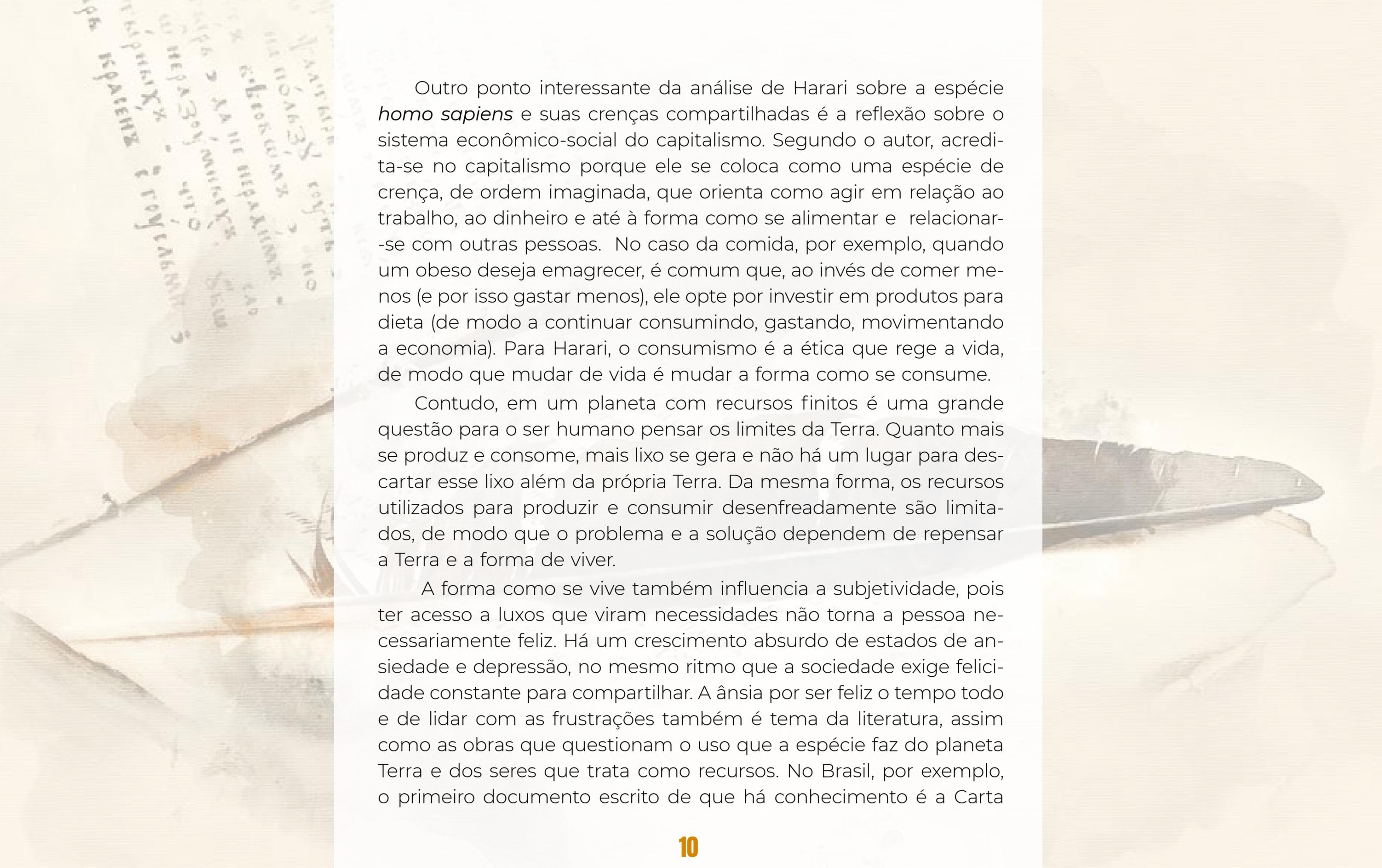


SAIBA MAIS

Em *Sapiens*, Harari oferece não apenas conhecimento evolutivo, mas também sociológico, antropológico e até mesmo econômico. Ele se baseia nas mais recentes descobertas de diferentes campos como paleontologia, biologia e antropologia. E, especialmente para a edição brasileira, realizou algumas atualizações no final de 2014.

A terceira revolução que contribuiu para o atual estado de coisas na vida da espécie *homo sapiens* é a Revolução científica. É o poder que advém do conhecimento que o ser humano é capaz de produzir. A Revolução científica, segundo Harari, é influenciada pelo imperialismo e pelo capitalismo que, juntamente com as grandes religiões universais (cristianismo, budismo e islamismo) são as principais ordens a reger a visão global contemporânea.

O conhecimento é usado como forma de manter essas ordens, ao passo que a força da religião também é utilizada, convenientemente, para que liberdades sejam freadas, de modo que as coisas permaneçam como estão, especialmente nos costumes. Assim, as mudanças na vida dos representantes da espécie são filtradas pelos interesses de quem tem o poder, que utiliza do conhecimento (e, muitas vezes, do falso conhecimento) para manter as pessoas em situação de alienação, afastando-as de pensamentos mais radicais de mudanças. Nesse sentido, é de destacar as grandes distopias que representam as relações entre poder e conhecimento, como *Fahrenheit 451*, do estadunidense Ray Bradbury e *1984*, do britânico George Orwell.



Outro ponto interessante da análise de Harari sobre a espécie *homo sapiens* e suas crenças compartilhadas é a reflexão sobre o sistema econômico-social do capitalismo. Segundo o autor, acredita-se no capitalismo porque ele se coloca como uma espécie de crença, de ordem imaginada, que orienta como agir em relação ao trabalho, ao dinheiro e até à forma como se alimentar e relacionar-se com outras pessoas. No caso da comida, por exemplo, quando um obeso deseja emagrecer, é comum que, ao invés de comer menos (e por isso gastar menos), ele opte por investir em produtos para dieta (de modo a continuar consumindo, gastando, movimentando a economia). Para Harari, o consumismo é a ética que rege a vida, de modo que mudar de vida é mudar a forma como se consume.

Contudo, em um planeta com recursos finitos é uma grande questão para o ser humano pensar os limites da Terra. Quanto mais se produz e consome, mais lixo se gera e não há um lugar para descartar esse lixo além da própria Terra. Da mesma forma, os recursos utilizados para produzir e consumir desenfreadamente são limitados, de modo que o problema e a solução dependem de repensar a Terra e a forma de viver.

A forma como se vive também influencia a subjetividade, pois ter acesso a luxos que viram necessidades não torna a pessoa necessariamente feliz. Há um crescimento absurdo de estados de ansiedade e depressão, no mesmo ritmo que a sociedade exige felicidade constante para compartilhar. A ânsia por ser feliz o tempo todo e de lidar com as frustrações também é tema da literatura, assim como as obras que questionam o uso que a espécie faz do planeta Terra e dos seres que trata como recursos. No Brasil, por exemplo, o primeiro documento escrito de que há conhecimento é a Carta



a el-Rei, do português Pero Vaz de Caminha. Na carta, fica claro o objetivo exploratório dos portugueses, mas não se sabe o objetivo dos indígenas, que tratavam a terra diferentemente. Por isso, hoje se desenvolve uma literatura que mostra outras relações possíveis do homem com o ambiente, bem como com os outros seres com quem divide o planeta. São exemplares, nesse sentido, as obras de Eliane Potiguara e Ailton Krenak, que ajudam a pensar por outra lógica o território e os seres que se foi ensinado a pensar como itens de exploração.

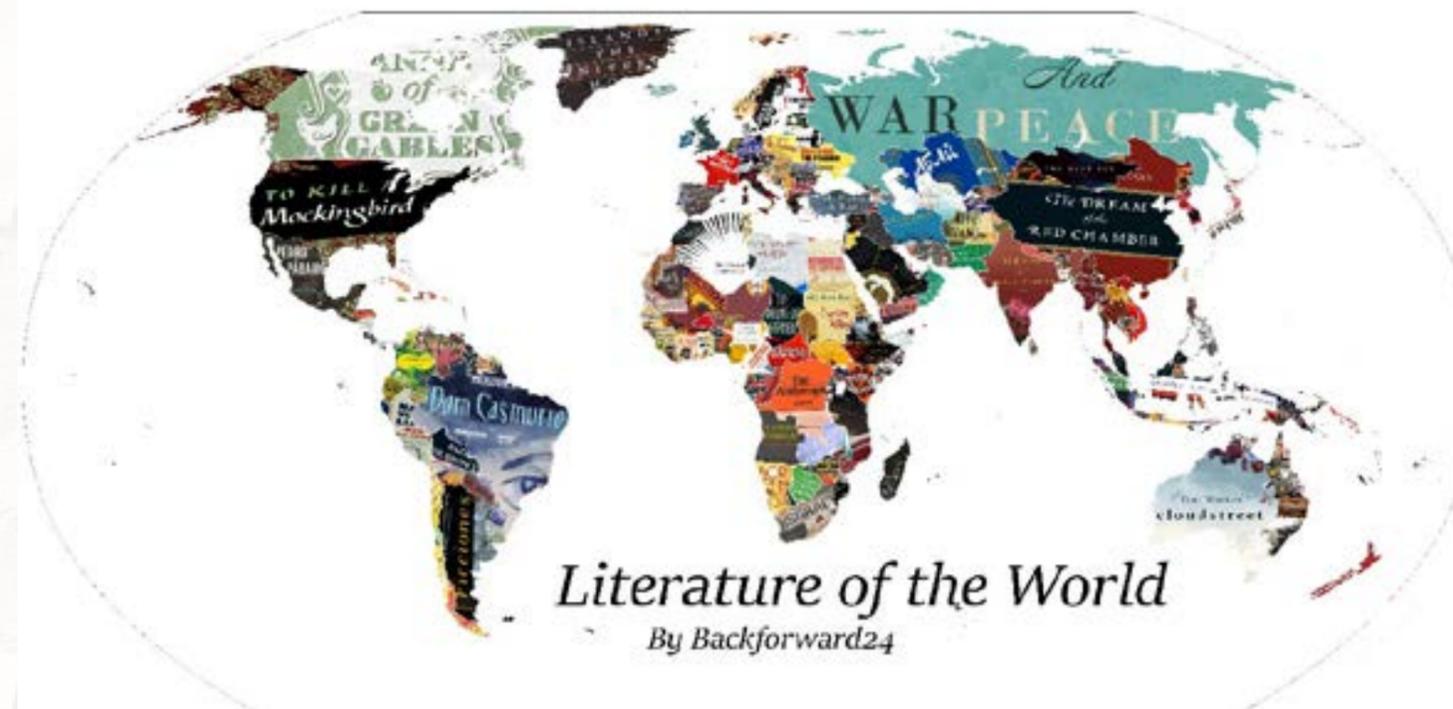
Com tudo isso, o que se enfatiza, com esta primeira reflexão, é a importância de conhecer mais sobre a produção cultural do homem, que aponta representações e problematizações que são caras à espécie que desenvolveu sistemas complexos de sociedade e cultura. Começa por relaciona-se em pequenos grupos, para caçar e coletar alimentos. Por conta da revolução cognitiva e da revolução agrícola, juntaram-se em grupos mais e mais complexos e, hoje, com a revolução tecnológica, é permitido acessar culturas e informações de toda a parte do globo, sem sair de casas. Contudo, alguns temas foram e sempre serão caros, como a vida, o amor, o poder, a natureza e a morte. Ao conhecer mais e mais obras que tematizam esses aspectos da existência, há mais possibilidade para lidar com inquietações que fazem parte da vida da espécie. O mundo está aí, faz-se parte dele e a literatura é uma forma de também pensar a respeito.

SAIBA MAIS

Assista ao documentário *Cosmos*, apresentado pelo astrofísico Neil De Grasse Tyson.

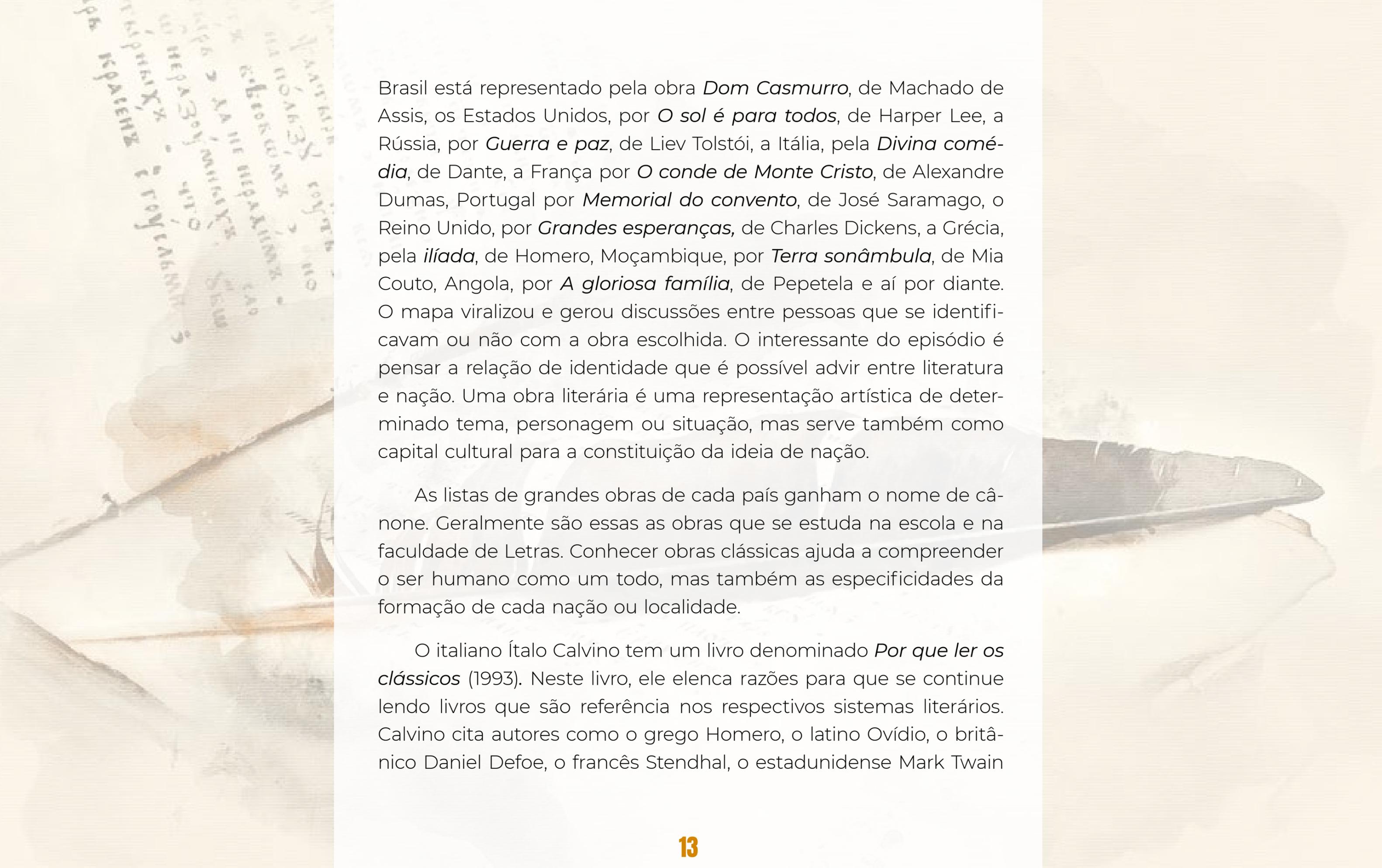
2. A literatura do mundo (e os grandes temas literários)

Imagem 2 – Mapa Literatura do mundo



Disponível em: <https://imgur.com/Xi4BkE6>. Acesso em 22/01/2021.

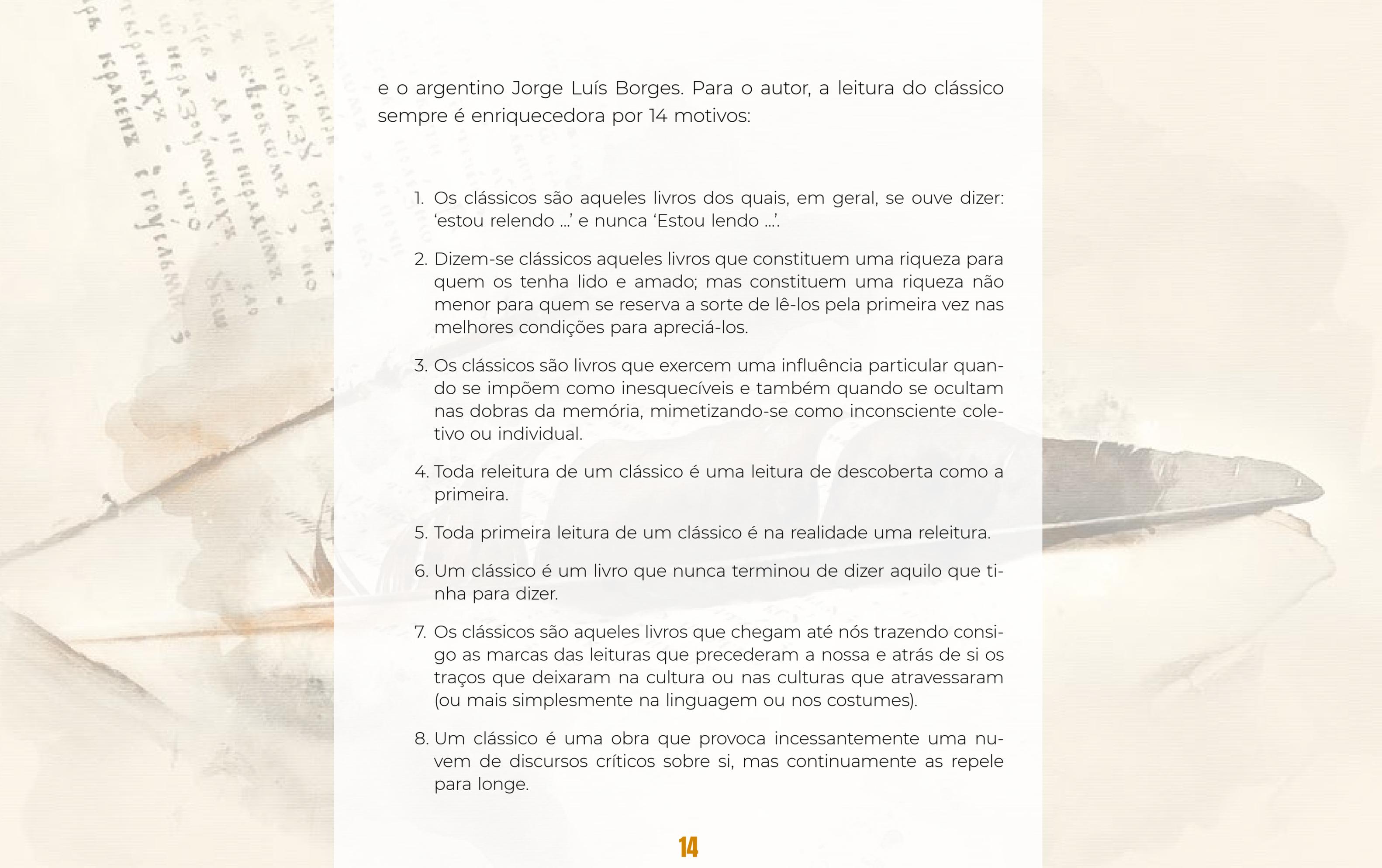
Em 2017, um usuário da rede social Imgur, identificado como Backforward24 postou um mapa denominado *Literatura do mundo*. O objetivo era identificar obras literárias que representassem o país por sua popularidade dentro ou fora do território. Por esse mapa, o



Brasil está representado pela obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, os Estados Unidos, por *O sol é para todos*, de Harper Lee, a Rússia, por *Guerra e paz*, de Liev Tolstói, a Itália, pela *Divina comédia*, de Dante, a França por *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, Portugal por *Memorial do convento*, de José Saramago, o Reino Unido, por *Grandes esperanças*, de Charles Dickens, a Grécia, pela *Ilíada*, de Homero, Moçambique, por *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, Angola, por *A gloriosa família*, de Pepetela e aí por diante. O mapa viralizou e gerou discussões entre pessoas que se identificavam ou não com a obra escolhida. O interessante do episódio é pensar a relação de identidade que é possível advir entre literatura e nação. Uma obra literária é uma representação artística de determinado tema, personagem ou situação, mas serve também como capital cultural para a constituição da ideia de nação.

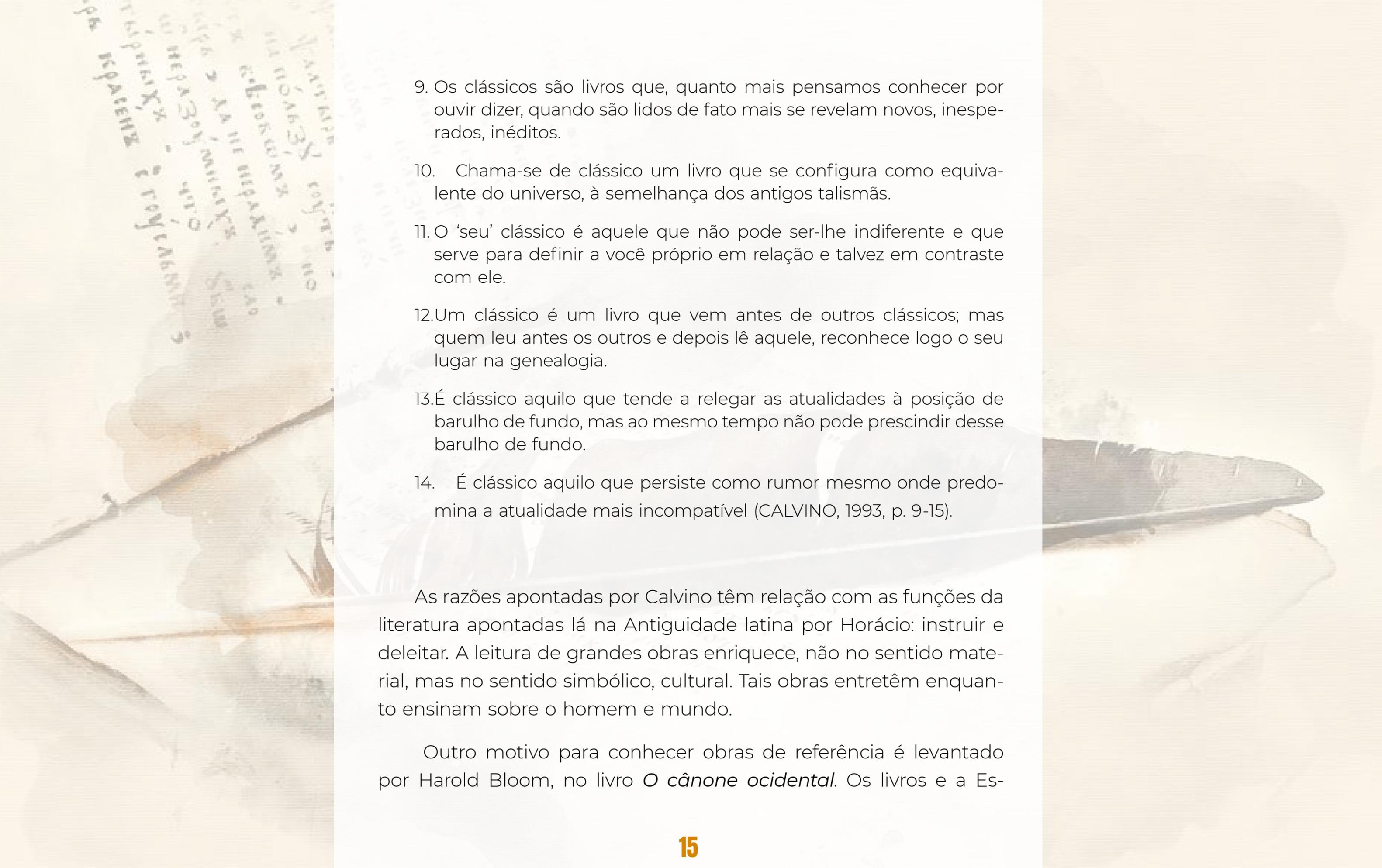
As listas de grandes obras de cada país ganham o nome de cânone. Geralmente são essas as obras que se estuda na escola e na faculdade de Letras. Conhecer obras clássicas ajuda a compreender o ser humano como um todo, mas também as especificidades da formação de cada nação ou localidade.

O italiano Ítalo Calvino tem um livro denominado *Por que ler os clássicos* (1993). Neste livro, ele elenca razões para que se continue lendo livros que são referência nos respectivos sistemas literários. Calvino cita autores como o grego Homero, o latino Ovídio, o britânico Daniel Defoe, o francês Stendhal, o estadunidense Mark Twain



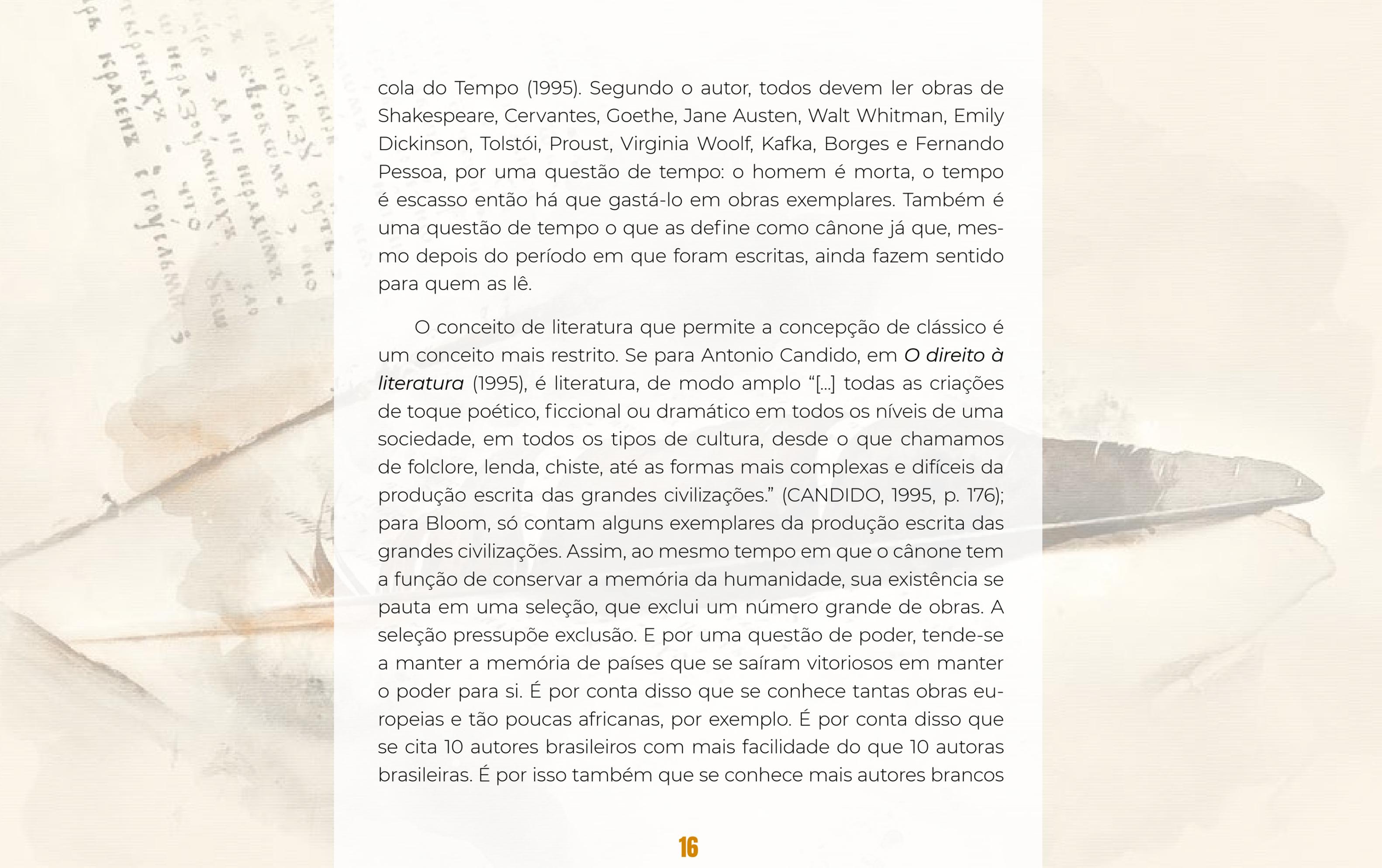
e o argentino Jorge Luís Borges. Para o autor, a leitura do clássico sempre é enriquecedora por 14 motivos:

1. Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: 'estou relendo ...' e nunca 'Estou lendo ...'.
2. Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.
3. Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.
4. Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.
5. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.
6. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.
7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).
8. Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe.

- 
9. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.
 10. Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs.
 11. O 'seu' clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele.
 12. Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia.
 13. É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo.
 14. É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível (CALVINO, 1993, p. 9-15).

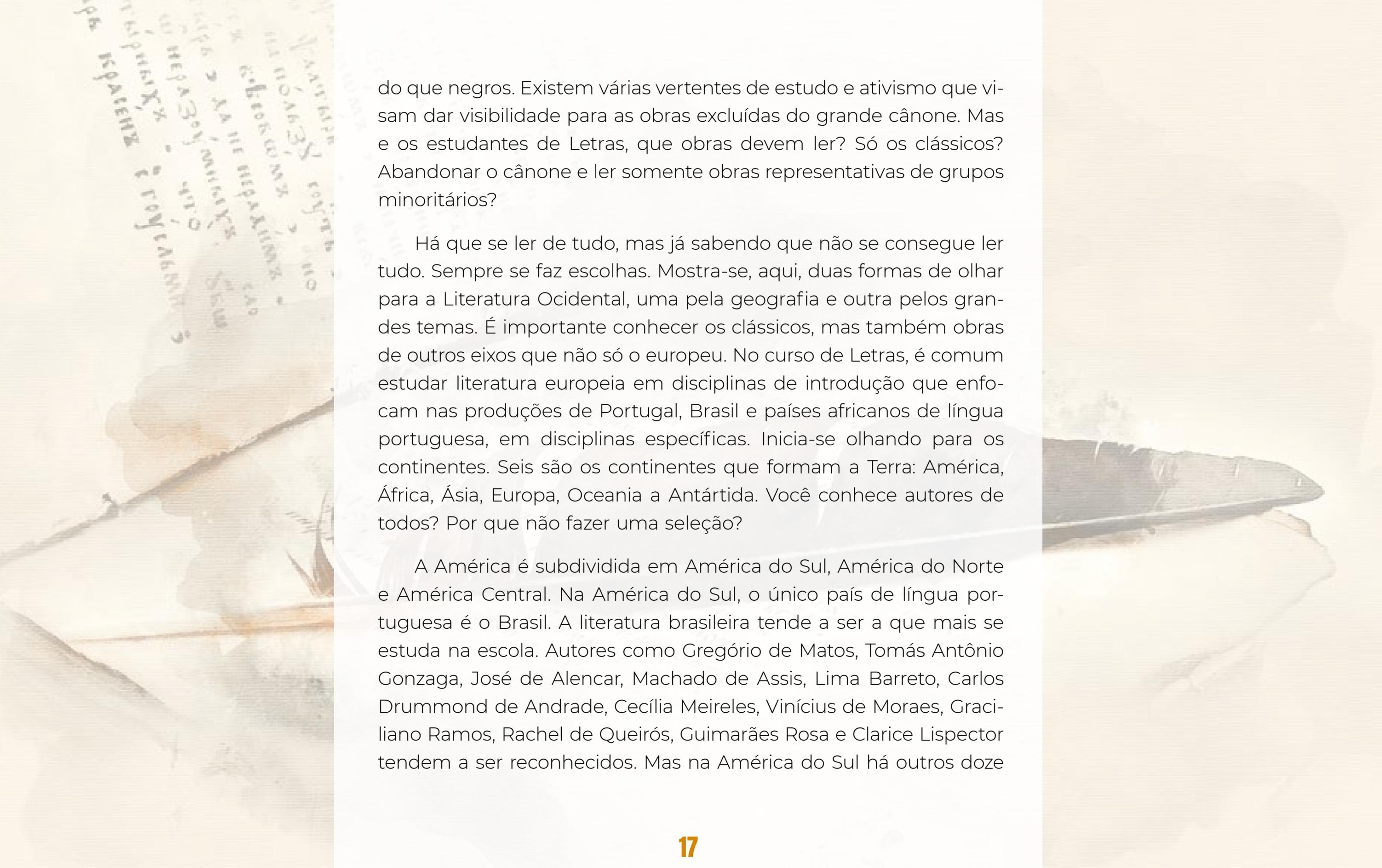
As razões apontadas por Calvino têm relação com as funções da literatura apontadas lá na Antiguidade latina por Horácio: instruir e deleitar. A leitura de grandes obras enriquece, não no sentido material, mas no sentido simbólico, cultural. Tais obras entretêm enquanto ensinam sobre o homem e mundo.

Outro motivo para conhecer obras de referência é levantado por Harold Bloom, no livro *O cânone ocidental*. Os livros e a Es-



cola do Tempo (1995). Segundo o autor, todos devem ler obras de Shakespeare, Cervantes, Goethe, Jane Austen, Walt Whitman, Emily Dickinson, Tolstói, Proust, Virginia Woolf, Kafka, Borges e Fernando Pessoa, por uma questão de tempo: o homem é mortal, o tempo é escasso então há que gastá-lo em obras exemplares. Também é uma questão de tempo o que as define como cânone já que, mesmo depois do período em que foram escritas, ainda fazem sentido para quem as lê.

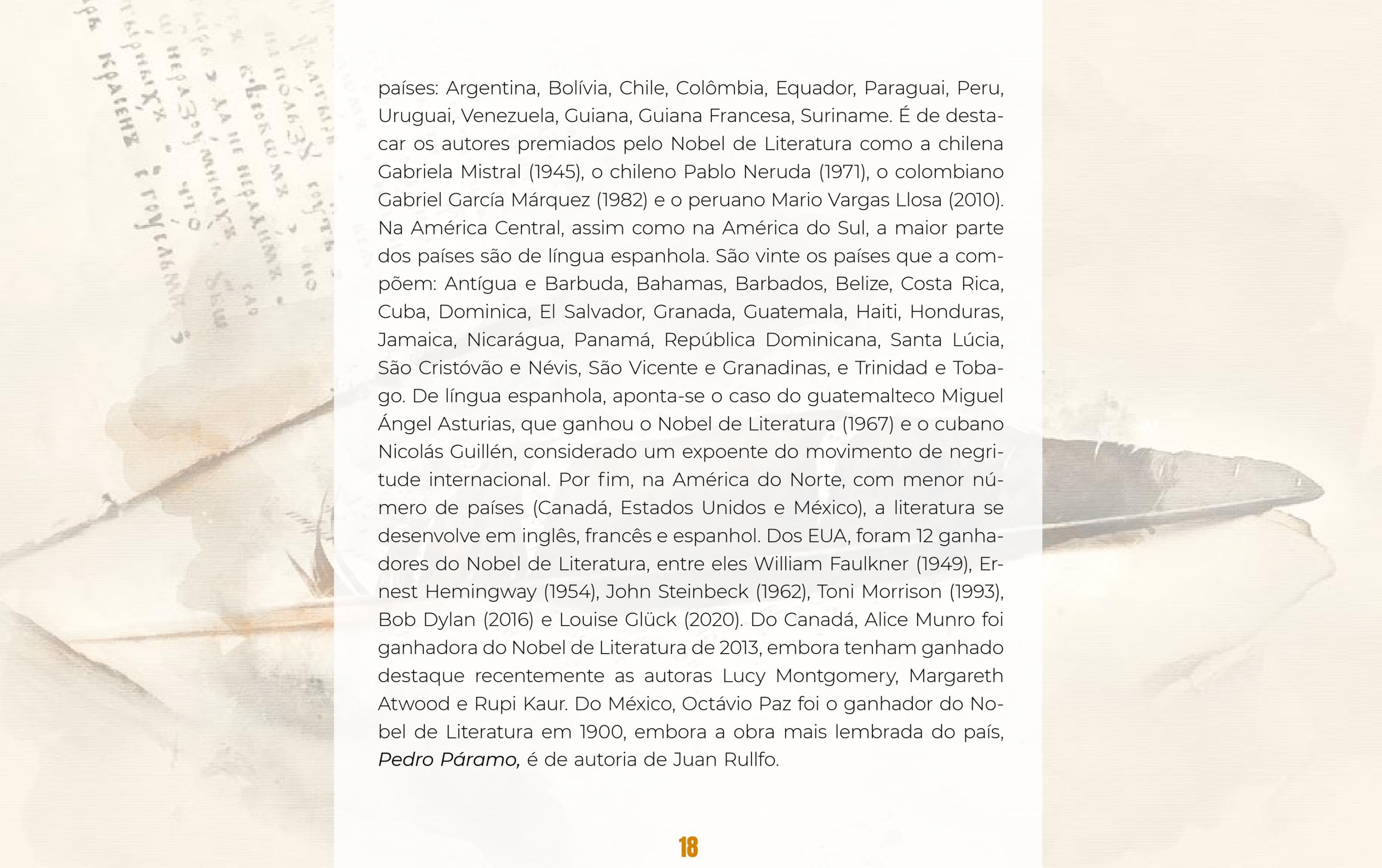
O conceito de literatura que permite a concepção de clássico é um conceito mais restrito. Se para Antonio Candido, em *O direito à literatura* (1995), é literatura, de modo amplo “[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” (CANDIDO, 1995, p. 176); para Bloom, só contam alguns exemplares da produção escrita das grandes civilizações. Assim, ao mesmo tempo em que o cânone tem a função de conservar a memória da humanidade, sua existência se pauta em uma seleção, que exclui um número grande de obras. A seleção pressupõe exclusão. E por uma questão de poder, tende-se a manter a memória de países que se saíram vitoriosos em manter o poder para si. É por conta disso que se conhece tantas obras europeias e tão poucas africanas, por exemplo. É por conta disso que se cita 10 autores brasileiros com mais facilidade do que 10 autoras brasileiras. É por isso também que se conhece mais autores brancos



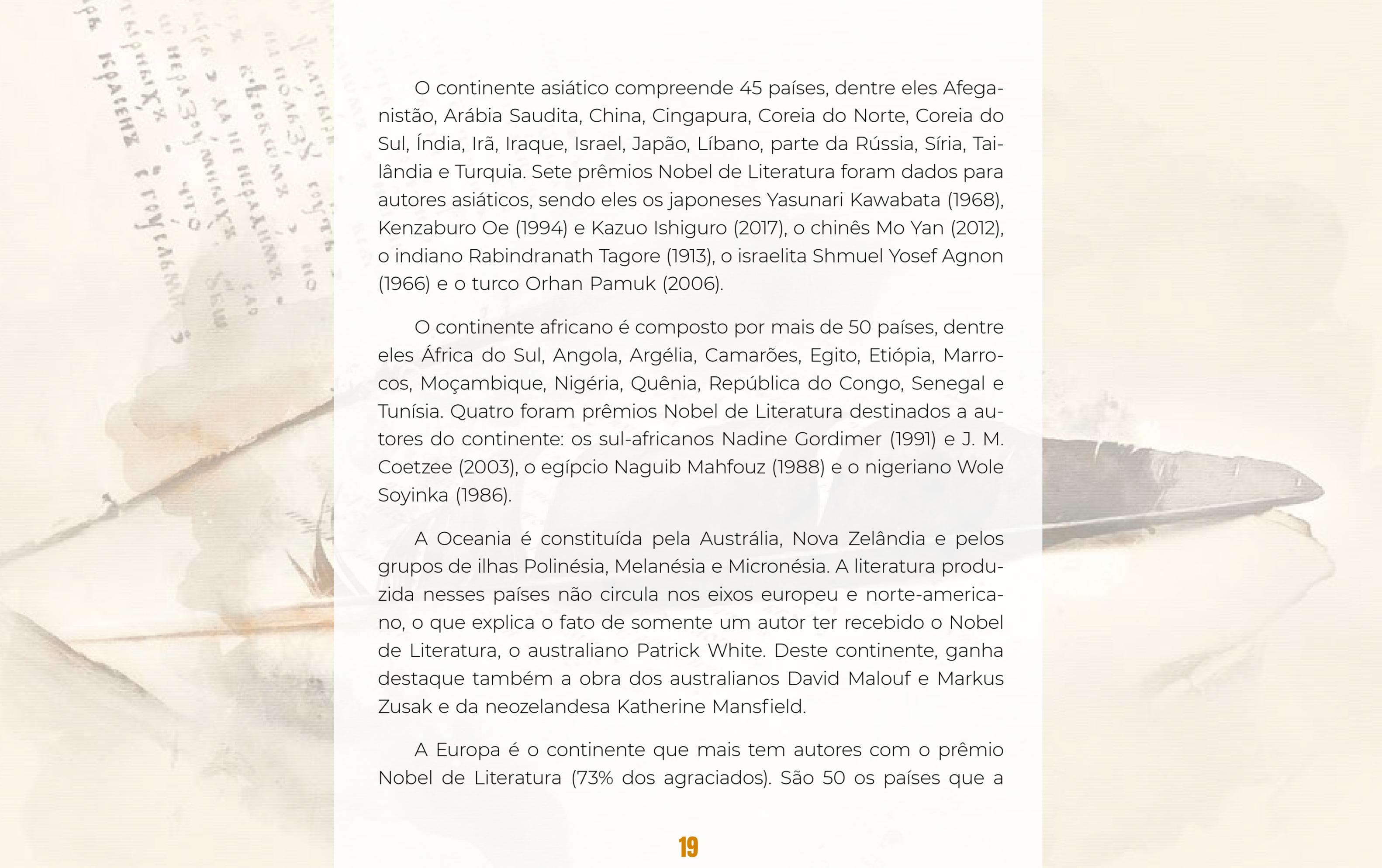
do que negros. Existem várias vertentes de estudo e ativismo que visam dar visibilidade para as obras excluídas do grande cânone. Mas e os estudantes de Letras, que obras devem ler? Só os clássicos? Abandonar o cânone e ler somente obras representativas de grupos minoritários?

Há que se ler de tudo, mas já sabendo que não se consegue ler tudo. Sempre se faz escolhas. Mostra-se, aqui, duas formas de olhar para a Literatura Ocidental, uma pela geografia e outra pelos grandes temas. É importante conhecer os clássicos, mas também obras de outros eixos que não só o europeu. No curso de Letras, é comum estudar literatura europeia em disciplinas de introdução que enfocam nas produções de Portugal, Brasil e países africanos de língua portuguesa, em disciplinas específicas. Inicia-se olhando para os continentes. Seis são os continentes que formam a Terra: América, África, Ásia, Europa, Oceania e Antártida. Você conhece autores de todos? Por que não fazer uma seleção?

A América é subdividida em América do Sul, América do Norte e América Central. Na América do Sul, o único país de língua portuguesa é o Brasil. A literatura brasileira tende a ser a que mais se estuda na escola. Autores como Gregório de Matos, Tomás Antônio Gonzaga, José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, Guimarães Rosa e Clarice Lispector tendem a ser reconhecidos. Mas na América do Sul há outros doze



países: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname. É de destacar os autores premiados pelo Nobel de Literatura como a chilena Gabriela Mistral (1945), o chileno Pablo Neruda (1971), o colombiano Gabriel García Márquez (1982) e o peruano Mario Vargas Llosa (2010). Na América Central, assim como na América do Sul, a maior parte dos países são de língua espanhola. São vinte os países que a compõem: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Costa Rica, Cuba, Dominica, El Salvador, Granada, Guatemala, Haiti, Honduras, Jamaica, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadinas, e Trinidad e Tobago. De língua espanhola, aponta-se o caso do guatemalteco Miguel Ángel Asturias, que ganhou o Nobel de Literatura (1967) e o cubano Nicolás Guillén, considerado um expoente do movimento de negritude internacional. Por fim, na América do Norte, com menor número de países (Canadá, Estados Unidos e México), a literatura se desenvolve em inglês, francês e espanhol. Dos EUA, foram 12 ganhadores do Nobel de Literatura, entre eles William Faulkner (1949), Ernest Hemingway (1954), John Steinbeck (1962), Toni Morrison (1993), Bob Dylan (2016) e Louise Glück (2020). Do Canadá, Alice Munro foi ganhadora do Nobel de Literatura de 2013, embora tenham ganhado destaque recentemente as autoras Lucy Montgomery, Margareth Atwood e Rupi Kaur. Do México, Octávio Paz foi o ganhador do Nobel de Literatura em 1990, embora a obra mais lembrada do país, *Pedro Páramo*, é de autoria de Juan Rulfo.

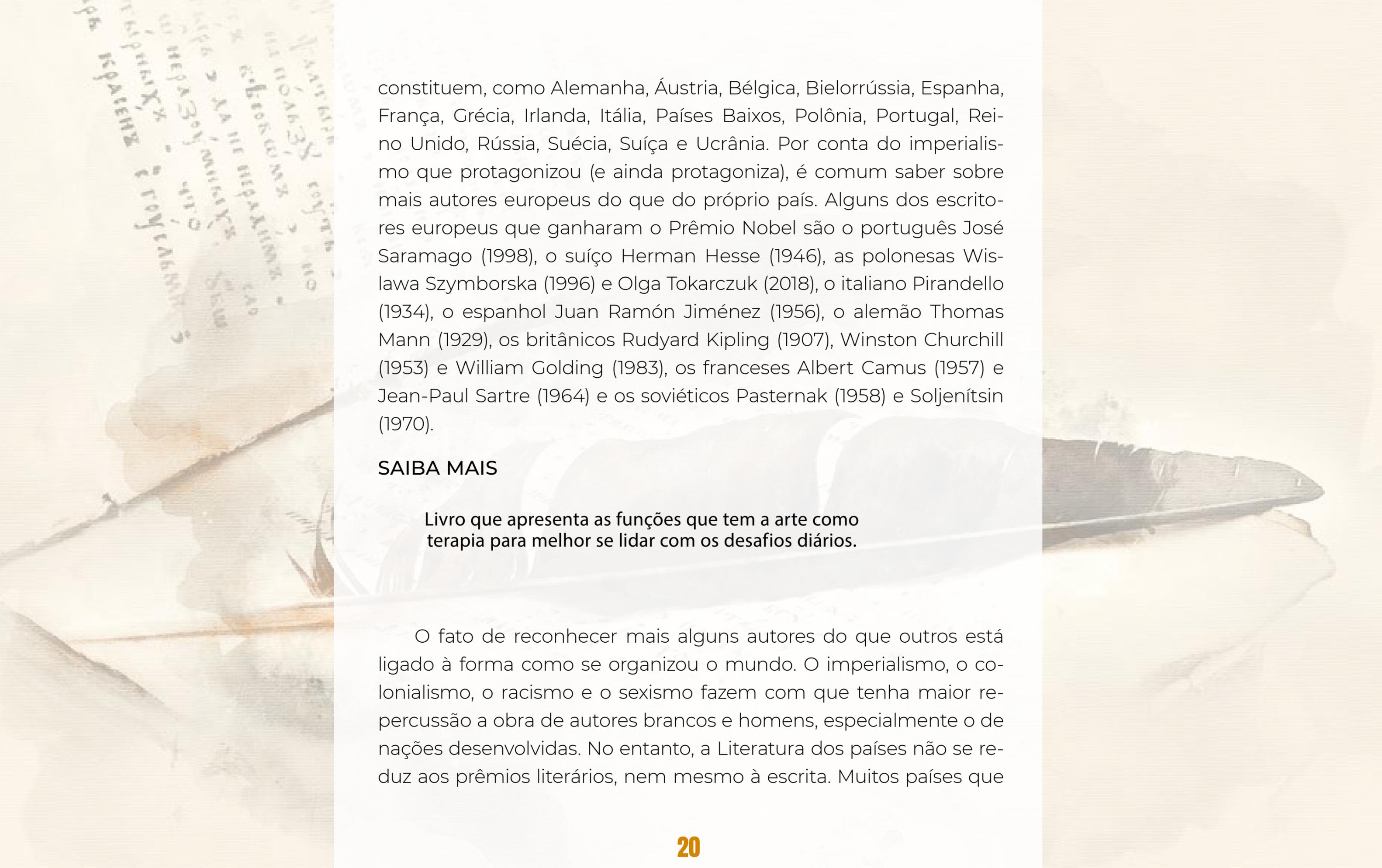


O continente asiático compreende 45 países, dentre eles Afeganistão, Arábia Saudita, China, Cingapura, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Índia, Irã, Iraque, Israel, Japão, Líbano, parte da Rússia, Síria, Tailândia e Turquia. Sete prêmios Nobel de Literatura foram dados para autores asiáticos, sendo eles os japoneses Yasunari Kawabata (1968), Kenzaburo Oe (1994) e Kazuo Ishiguro (2017), o chinês Mo Yan (2012), o indiano Rabindranath Tagore (1913), o israelita Shmuel Yosef Agnon (1966) e o turco Orhan Pamuk (2006).

O continente africano é composto por mais de 50 países, dentre eles África do Sul, Angola, Argélia, Camarões, Egito, Etiópia, Marrocos, Moçambique, Nigéria, Quênia, República do Congo, Senegal e Tunísia. Quatro foram prêmios Nobel de Literatura destinados a autores do continente: os sul-africanos Nadine Gordimer (1991) e J. M. Coetzee (2003), o egípcio Naguib Mahfouz (1988) e o nigeriano Wole Soyinka (1986).

A Oceania é constituída pela Austrália, Nova Zelândia e pelos grupos de ilhas Polinésia, Melanésia e Micronésia. A literatura produzida nesses países não circula nos eixos europeu e norte-americano, o que explica o fato de somente um autor ter recebido o Nobel de Literatura, o australiano Patrick White. Deste continente, ganha destaque também a obra dos australianos David Malouf e Markus Zusak e da neozelandesa Katherine Mansfield.

A Europa é o continente que mais tem autores com o prêmio Nobel de Literatura (73% dos agraciados). São 50 os países que a

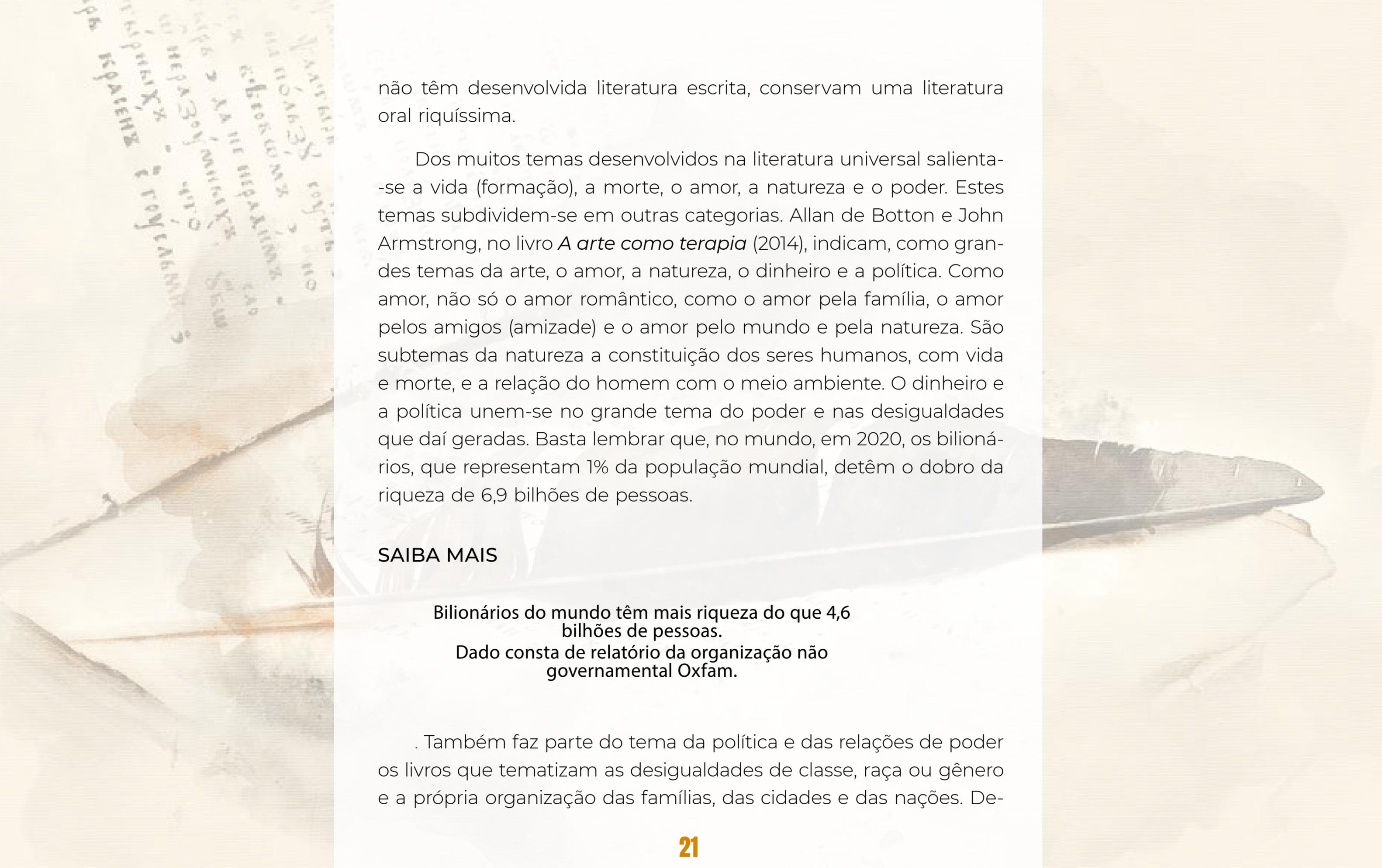


constituem, como Alemanha, Áustria, Bélgica, Bielorrússia, Espanha, França, Grécia, Irlanda, Itália, Países Baixos, Polônia, Portugal, Reino Unido, Rússia, Suécia, Suíça e Ucrânia. Por conta do imperialismo que protagonizou (e ainda protagoniza), é comum saber sobre mais autores europeus do que do próprio país. Alguns dos escritores europeus que ganharam o Prêmio Nobel são o português José Saramago (1998), o suíço Herman Hesse (1946), as polonesas Wislawa Szymborska (1996) e Olga Tokarczuk (2018), o italiano Pirandello (1934), o espanhol Juan Ramón Jiménez (1956), o alemão Thomas Mann (1929), os britânicos Rudyard Kipling (1907), Winston Churchill (1953) e William Golding (1983), os franceses Albert Camus (1957) e Jean-Paul Sartre (1964) e os soviéticos Pasternak (1958) e Soljenítsin (1970).

SAIBA MAIS

Livro que apresenta as funções que tem a arte como terapia para melhor se lidar com os desafios diários.

O fato de reconhecer mais alguns autores do que outros está ligado à forma como se organizou o mundo. O imperialismo, o colonialismo, o racismo e o sexismo fazem com que tenha maior repercussão a obra de autores brancos e homens, especialmente o de nações desenvolvidas. No entanto, a Literatura dos países não se reduz aos prêmios literários, nem mesmo à escrita. Muitos países que



não têm desenvolvida literatura escrita, conservam uma literatura oral riquíssima.

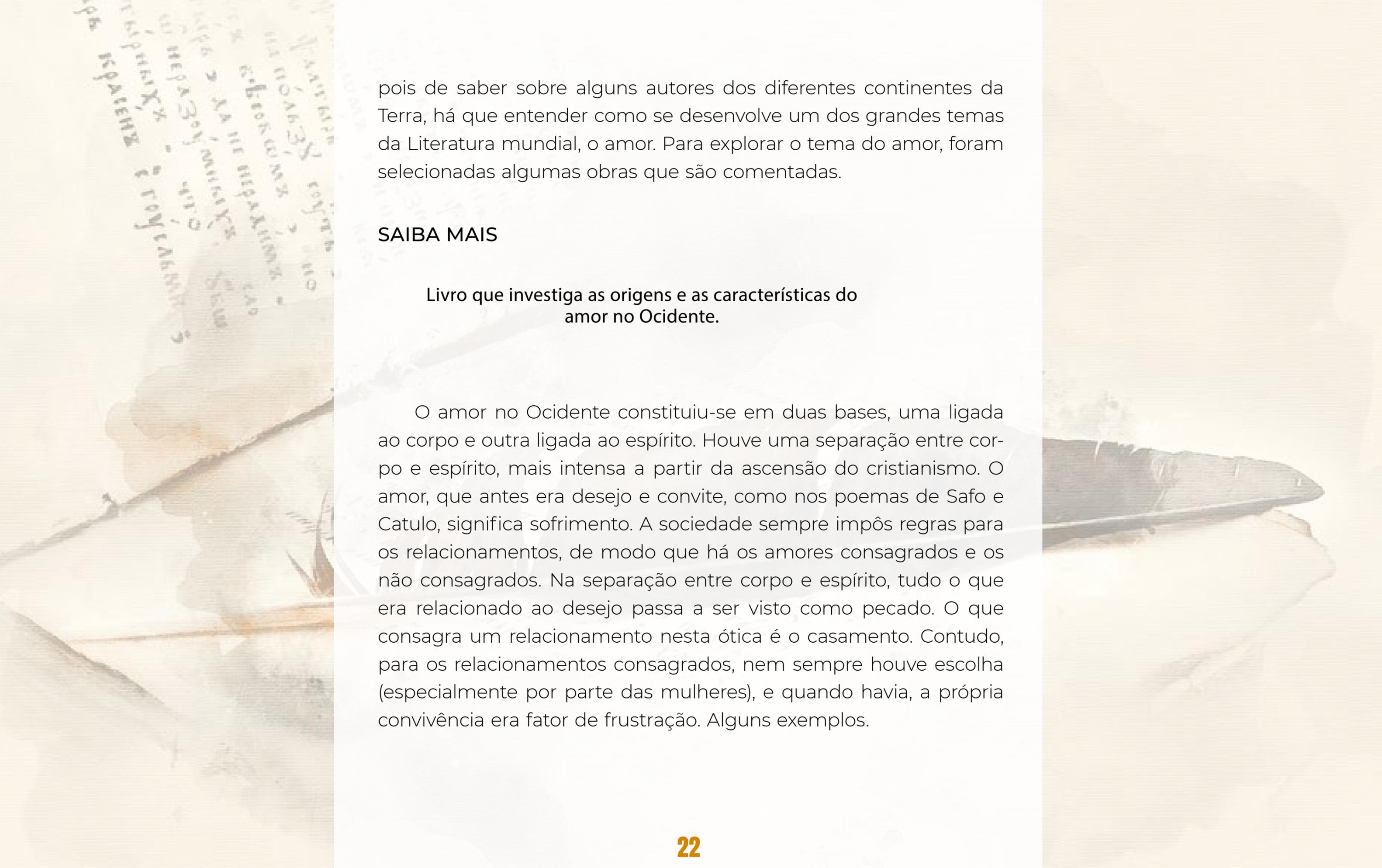
Dos muitos temas desenvolvidos na literatura universal salienta-se a vida (formação), a morte, o amor, a natureza e o poder. Estes temas subdividem-se em outras categorias. Allan de Botton e John Armstrong, no livro *A arte como terapia* (2014), indicam, como grandes temas da arte, o amor, a natureza, o dinheiro e a política. Como amor, não só o amor romântico, como o amor pela família, o amor pelos amigos (amizade) e o amor pelo mundo e pela natureza. São subtemas da natureza a constituição dos seres humanos, com vida e morte, e a relação do homem com o meio ambiente. O dinheiro e a política unem-se no grande tema do poder e nas desigualdades que daí geradas. Basta lembrar que, no mundo, em 2020, os bilionários, que representam 1% da população mundial, detêm o dobro da riqueza de 6,9 bilhões de pessoas.

SAIBA MAIS

Bilionários do mundo têm mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas.

Dado consta de relatório da organização não governamental Oxfam.

. Também faz parte do tema da política e das relações de poder os livros que tematizam as desigualdades de classe, raça ou gênero e a própria organização das famílias, das cidades e das nações. De-

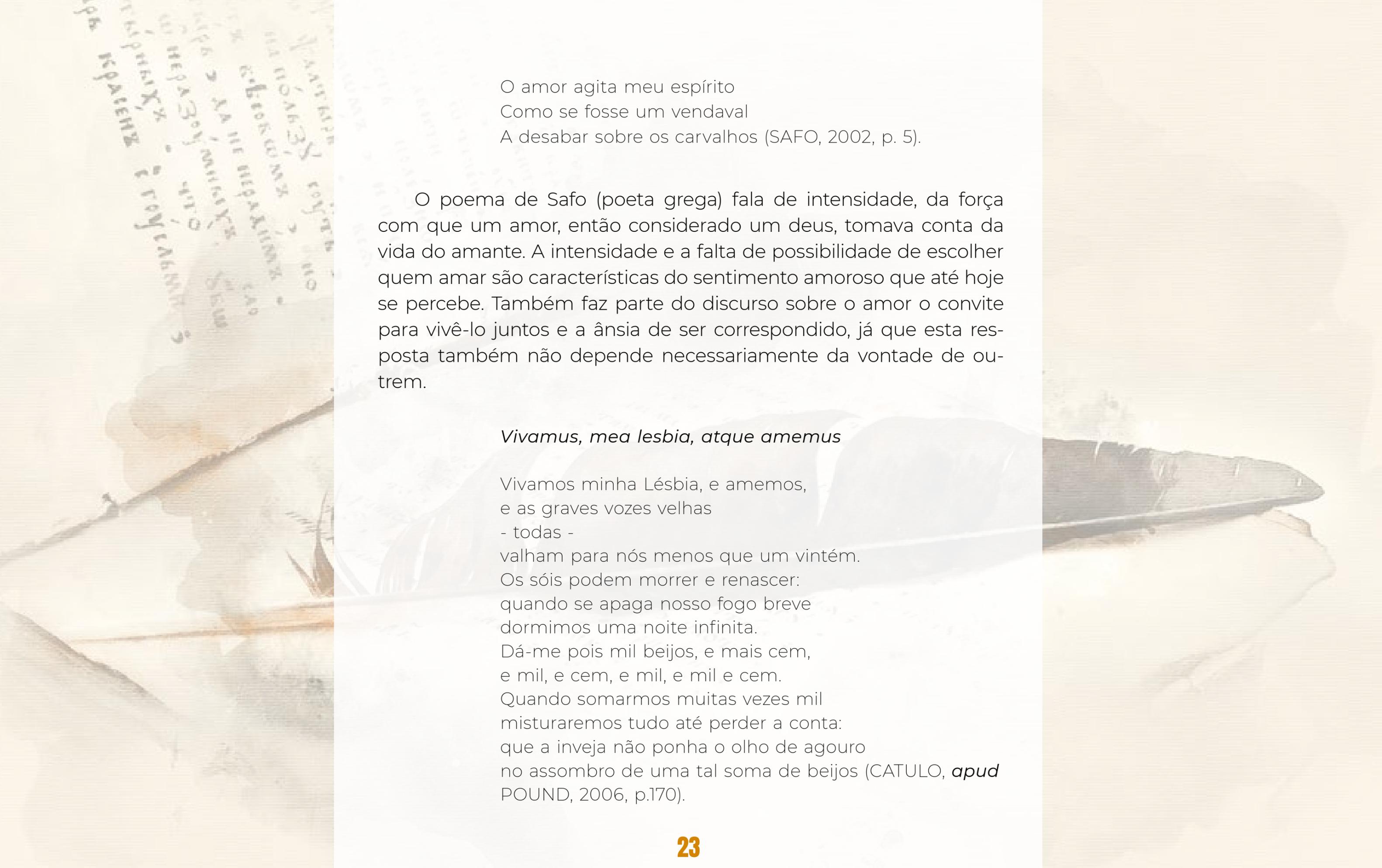


pois de saber sobre alguns autores dos diferentes continentes da Terra, há que entender como se desenvolve um dos grandes temas da Literatura mundial, o amor. Para explorar o tema do amor, foram selecionadas algumas obras que são comentadas.

SAIBA MAIS

Livro que investiga as origens e as características do amor no Ocidente.

O amor no Ocidente constituiu-se em duas bases, uma ligada ao corpo e outra ligada ao espírito. Houve uma separação entre corpo e espírito, mais intensa a partir da ascensão do cristianismo. O amor, que antes era desejo e convite, como nos poemas de Safo e Catulo, significa sofrimento. A sociedade sempre impôs regras para os relacionamentos, de modo que há os amores consagrados e os não consagrados. Na separação entre corpo e espírito, tudo o que era relacionado ao desejo passa a ser visto como pecado. O que consagra um relacionamento nesta ótica é o casamento. Contudo, para os relacionamentos consagrados, nem sempre houve escolha (especialmente por parte das mulheres), e quando havia, a própria convivência era fator de frustração. Alguns exemplos.

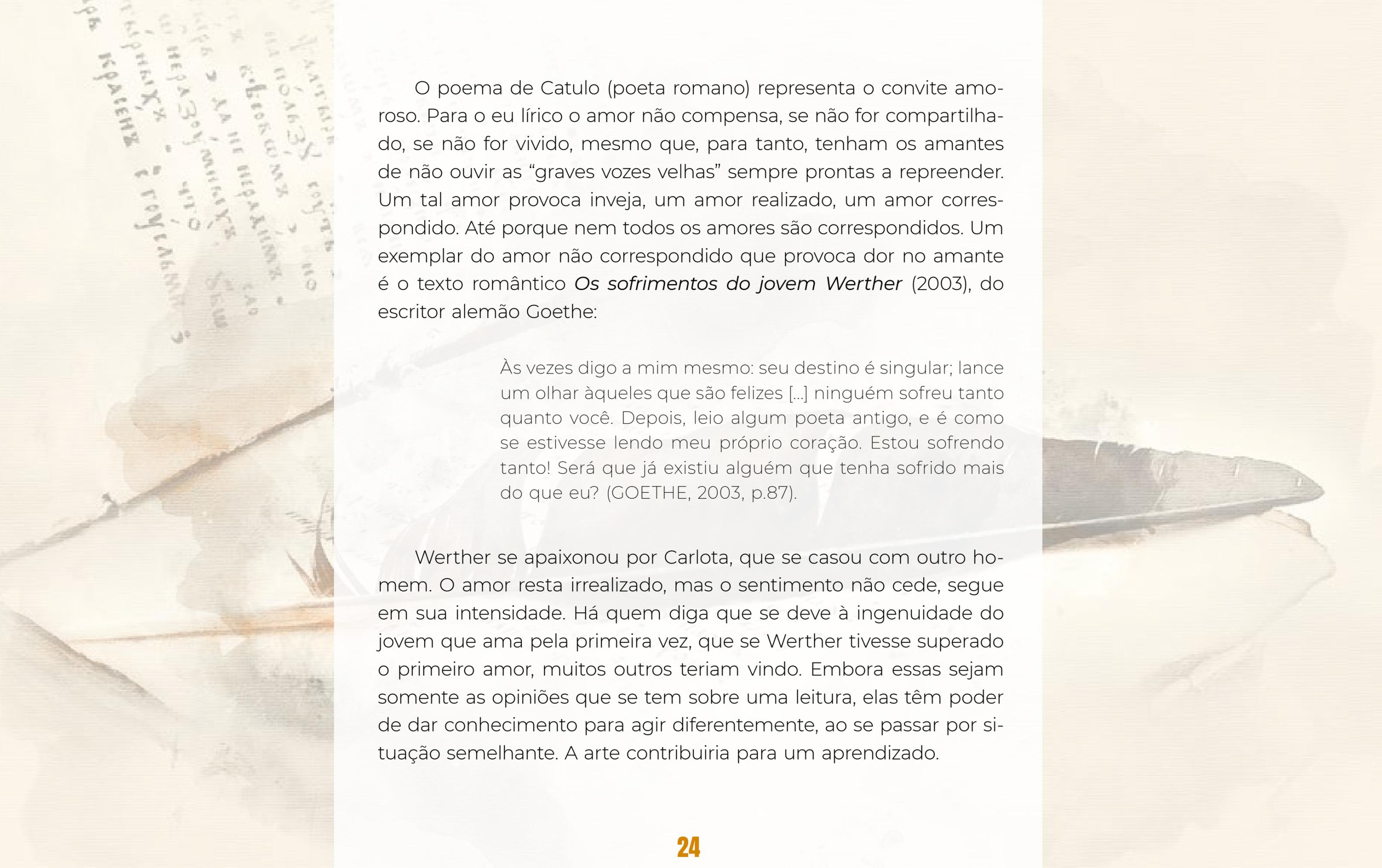


O amor agita meu espírito
Como se fosse um vendaval
A desabar sobre os carvalhos (SAFO, 2002, p. 5).

O poema de Safo (poeta grega) fala de intensidade, da força com que um amor, então considerado um deus, tomava conta da vida do amante. A intensidade e a falta de possibilidade de escolher quem amar são características do sentimento amoroso que até hoje se percebe. Também faz parte do discurso sobre o amor o convite para vivê-lo juntos e a ânsia de ser correspondido, já que esta resposta também não depende necessariamente da vontade de outrem.

Vivamus, mea lesbia, atque amemus

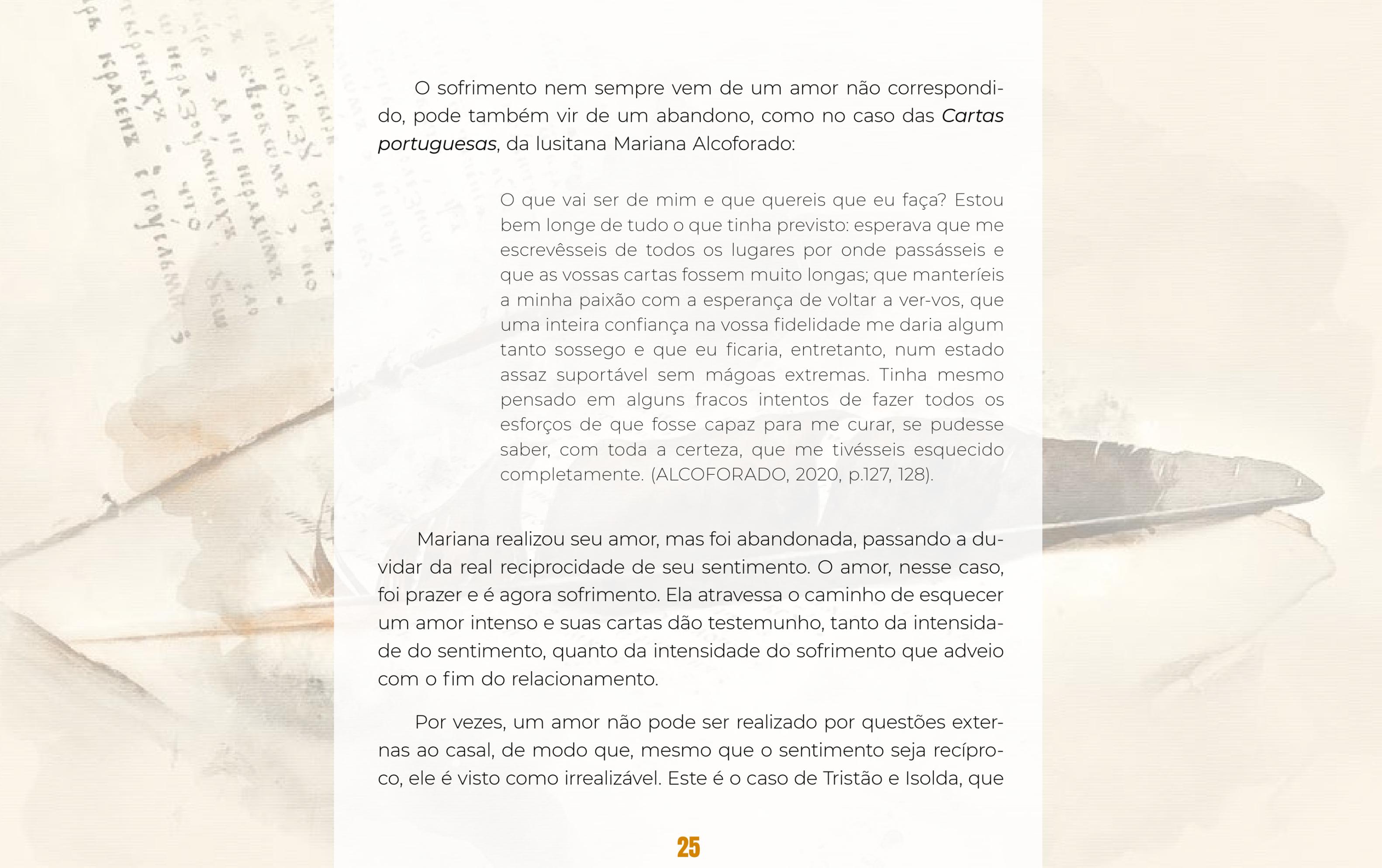
Vivamos minha Lésbia, e amemos,
e as graves vozes velhas
- todas -
valham para nós menos que um vintém.
Os sóis podem morrer e renascer:
quando se apaga nosso fogo breve
dormimos uma noite infinita.
Dá-me pois mil beijos, e mais cem,
e mil, e cem, e mil, e mil e cem.
Quando somarmos muitas vezes mil
misturaremos tudo até perder a conta:
que a inveja não ponha o olho de agouro
no assombro de uma tal soma de beijos (CATULO, *apud*
POUND, 2006, p.170).



O poema de Catulo (poeta romano) representa o convite amoroso. Para o eu lírico o amor não compensa, se não for compartilhado, se não for vivido, mesmo que, para tanto, tenham os amantes de não ouvir as “graves vozes velhas” sempre prontas a repreender. Um tal amor provoca inveja, um amor realizado, um amor correspondido. Até porque nem todos os amores são correspondidos. Um exemplar do amor não correspondido que provoca dor no amante é o texto romântico *Os sofrimentos do jovem Werther* (2003), do escritor alemão Goethe:

Às vezes digo a mim mesmo: seu destino é singular; lance um olhar àqueles que são felizes [...] ninguém sofreu tanto quanto você. Depois, leio algum poeta antigo, e é como se estivesse lendo meu próprio coração. Estou sofrendo tanto! Será que já existiu alguém que tenha sofrido mais do que eu? (GOETHE, 2003, p.87).

Werther se apaixonou por Carlota, que se casou com outro homem. O amor resta irrealizado, mas o sentimento não cede, segue em sua intensidade. Há quem diga que se deve à ingenuidade do jovem que ama pela primeira vez, que se Werther tivesse superado o primeiro amor, muitos outros teriam vindo. Embora essas sejam somente as opiniões que se tem sobre uma leitura, elas têm poder de dar conhecimento para agir diferentemente, ao se passar por situação semelhante. A arte contribuiria para um aprendizado.

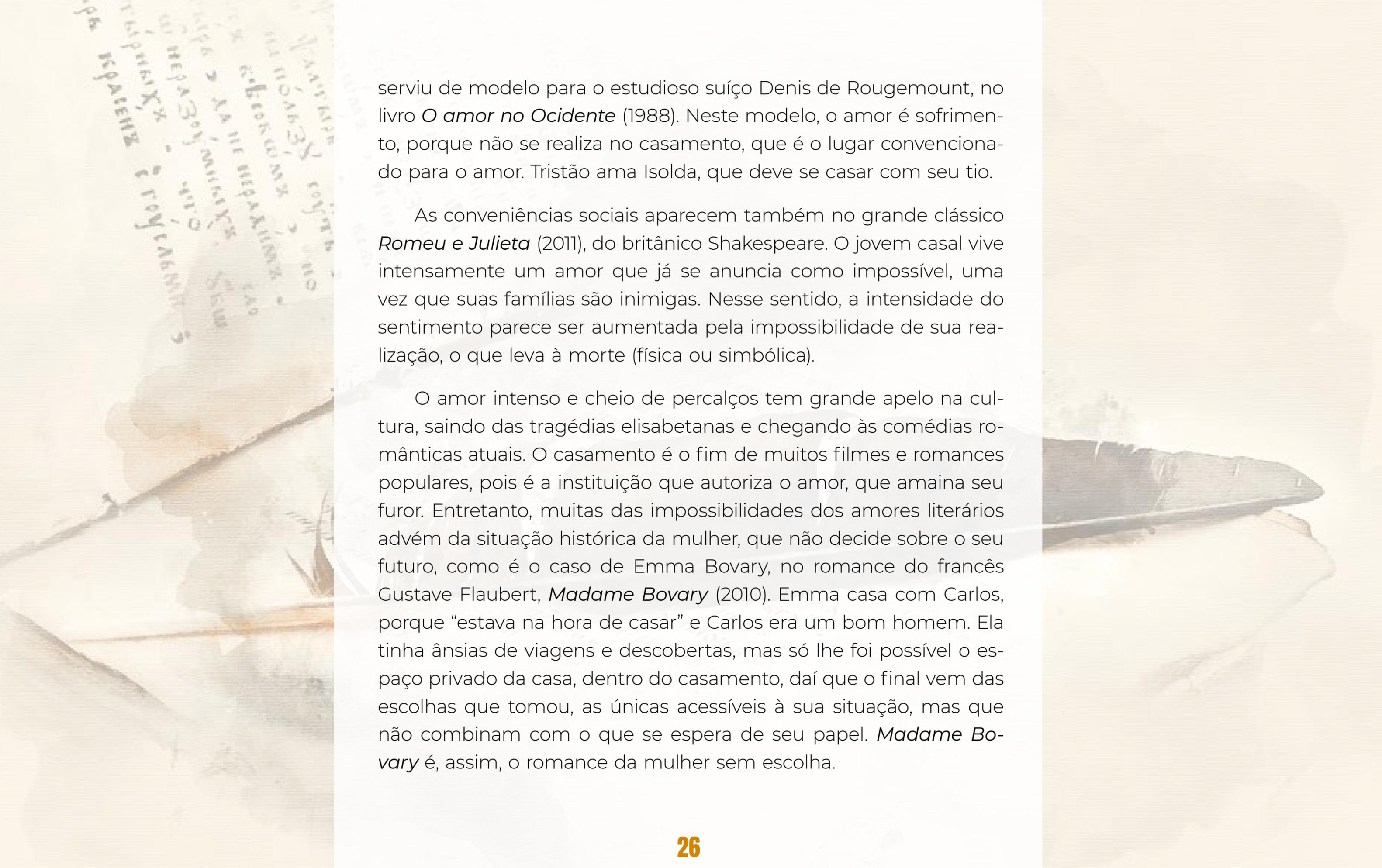


O sofrimento nem sempre vem de um amor não correspondido, pode também vir de um abandono, como no caso das *Cartas portuguesas*, da lusitana Mariana Alcoforado:

O que vai ser de mim e que quereis que eu faça? Estou bem longe de tudo o que tinha previsto: esperava que me escrevêsseis de todos os lugares por onde passásseis e que as vossas cartas fossem muito longas; que manteríeis a minha paixão com a esperança de voltar a ver-vos, que uma inteira confiança na vossa fidelidade me daria algum tanto sossego e que eu ficaria, entretanto, num estado assaz suportável sem mágoas extremas. Tinha mesmo pensado em alguns fracos intentos de fazer todos os esforços de que fosse capaz para me curar, se pudesse saber, com toda a certeza, que me tivésseis esquecido completamente. (ALCOFORADO, 2020, p.127, 128).

Mariana realizou seu amor, mas foi abandonada, passando a duvidar da real reciprocidade de seu sentimento. O amor, nesse caso, foi prazer e é agora sofrimento. Ela atravessa o caminho de esquecer um amor intenso e suas cartas dão testemunho, tanto da intensidade do sentimento, quanto da intensidade do sofrimento que adveio com o fim do relacionamento.

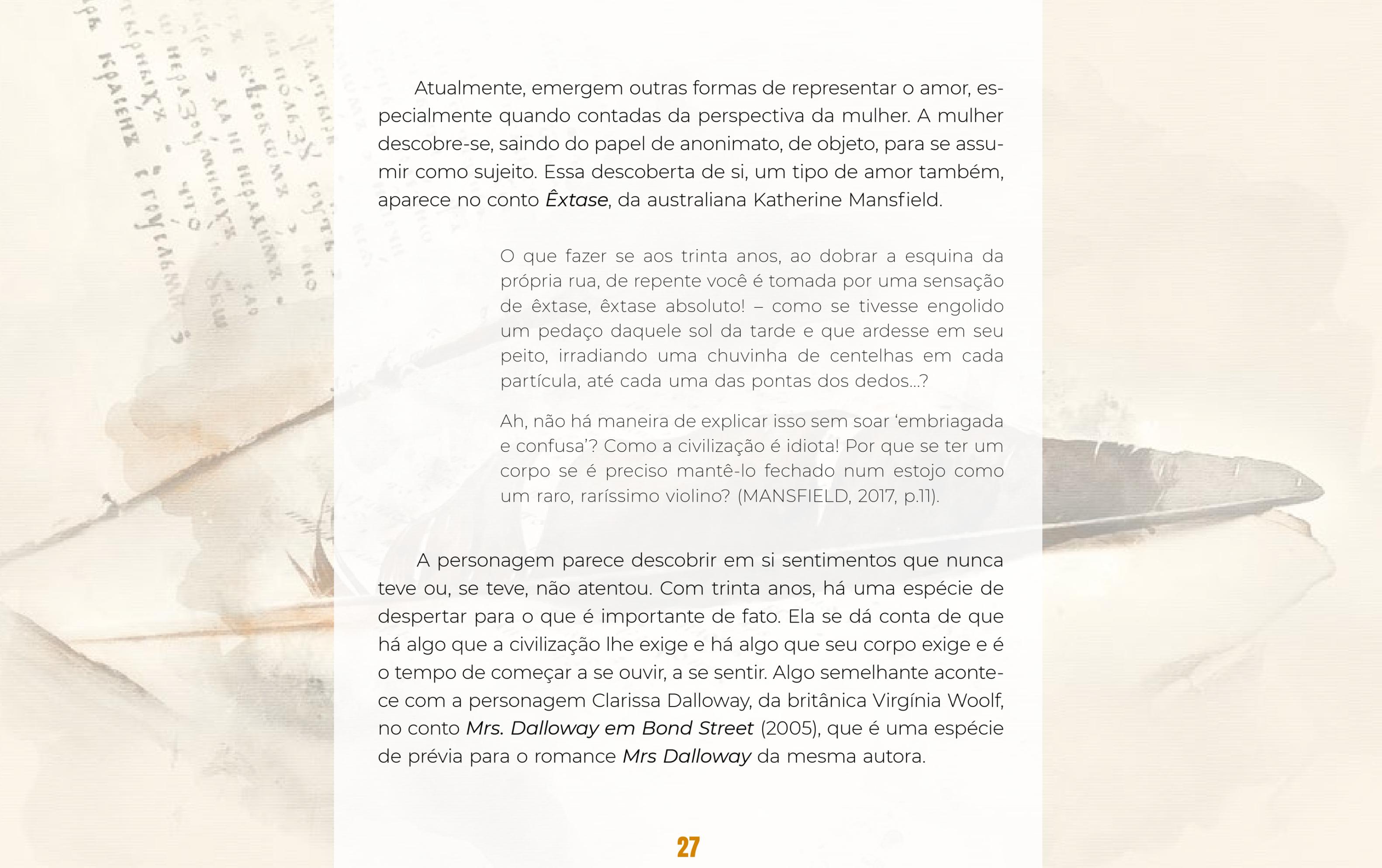
Por vezes, um amor não pode ser realizado por questões externas ao casal, de modo que, mesmo que o sentimento seja recíproco, ele é visto como irrealizável. Este é o caso de Tristão e Isolda, que



serviu de modelo para o estudioso suíço Denis de Rougemont, no livro *O amor no Ocidente* (1988). Neste modelo, o amor é sofrimento, porque não se realiza no casamento, que é o lugar convencional para o amor. Tristão ama Isolda, que deve se casar com seu tio.

As conveniências sociais aparecem também no grande clássico *Romeu e Julieta* (2011), do britânico Shakespeare. O jovem casal vive intensamente um amor que já se anuncia como impossível, uma vez que suas famílias são inimigas. Nesse sentido, a intensidade do sentimento parece ser aumentada pela impossibilidade de sua realização, o que leva à morte (física ou simbólica).

O amor intenso e cheio de percalços tem grande apelo na cultura, saindo das tragédias elisabetanas e chegando às comédias românticas atuais. O casamento é o fim de muitos filmes e romances populares, pois é a instituição que autoriza o amor, que amaina seu furor. Entretanto, muitas das impossibilidades dos amores literários advêm da situação histórica da mulher, que não decide sobre o seu futuro, como é o caso de Emma Bovary, no romance do francês Gustave Flaubert, *Madame Bovary* (2010). Emma casa com Carlos, porque “estava na hora de casar” e Carlos era um bom homem. Ela tinha ânsias de viagens e descobertas, mas só lhe foi possível o espaço privado da casa, dentro do casamento, daí que o final vem das escolhas que tomou, as únicas acessíveis à sua situação, mas que não combinam com o que se espera de seu papel. *Madame Bovary* é, assim, o romance da mulher sem escolha.

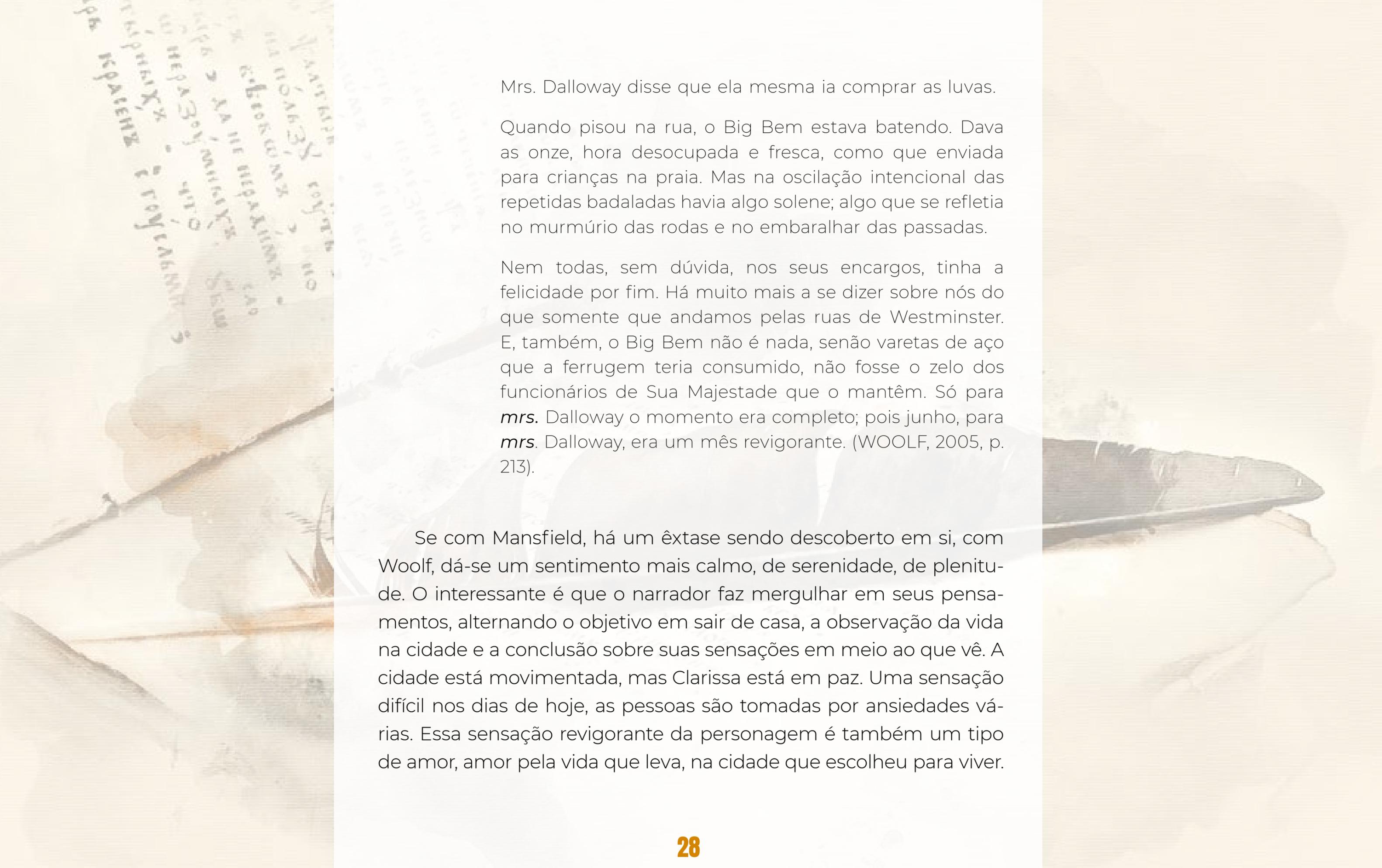


Atualmente, emergem outras formas de representar o amor, especialmente quando contadas da perspectiva da mulher. A mulher descobre-se, saindo do papel de anonimato, de objeto, para se assumir como sujeito. Essa descoberta de si, um tipo de amor também, aparece no conto *Êxtase*, da australiana Katherine Mansfield.

O que fazer se aos trinta anos, ao dobrar a esquina da própria rua, de repente você é tomada por uma sensação de êxtase, êxtase absoluto! – como se tivesse engolido um pedaço daquele sol da tarde e que ardesse em seu peito, irradiando uma chavinha de centelhas em cada partícula, até cada uma das pontas dos dedos...?

Ah, não há maneira de explicar isso sem soar ‘embriagada e confusa’? Como a civilização é idiota! Por que se ter um corpo se é preciso mantê-lo fechado num estojo como um raro, raríssimo violino? (MANSFIELD, 2017, p.11).

A personagem parece descobrir em si sentimentos que nunca teve ou, se teve, não atentou. Com trinta anos, há uma espécie de despertar para o que é importante de fato. Ela se dá conta de que há algo que a civilização lhe exige e há algo que seu corpo exige e é o tempo de começar a se ouvir, a se sentir. Algo semelhante acontece com a personagem Clarissa Dalloway, da britânica Virgínia Woolf, no conto *Mrs. Dalloway em Bond Street* (2005), que é uma espécie de prévia para o romance *Mrs Dalloway* da mesma autora.

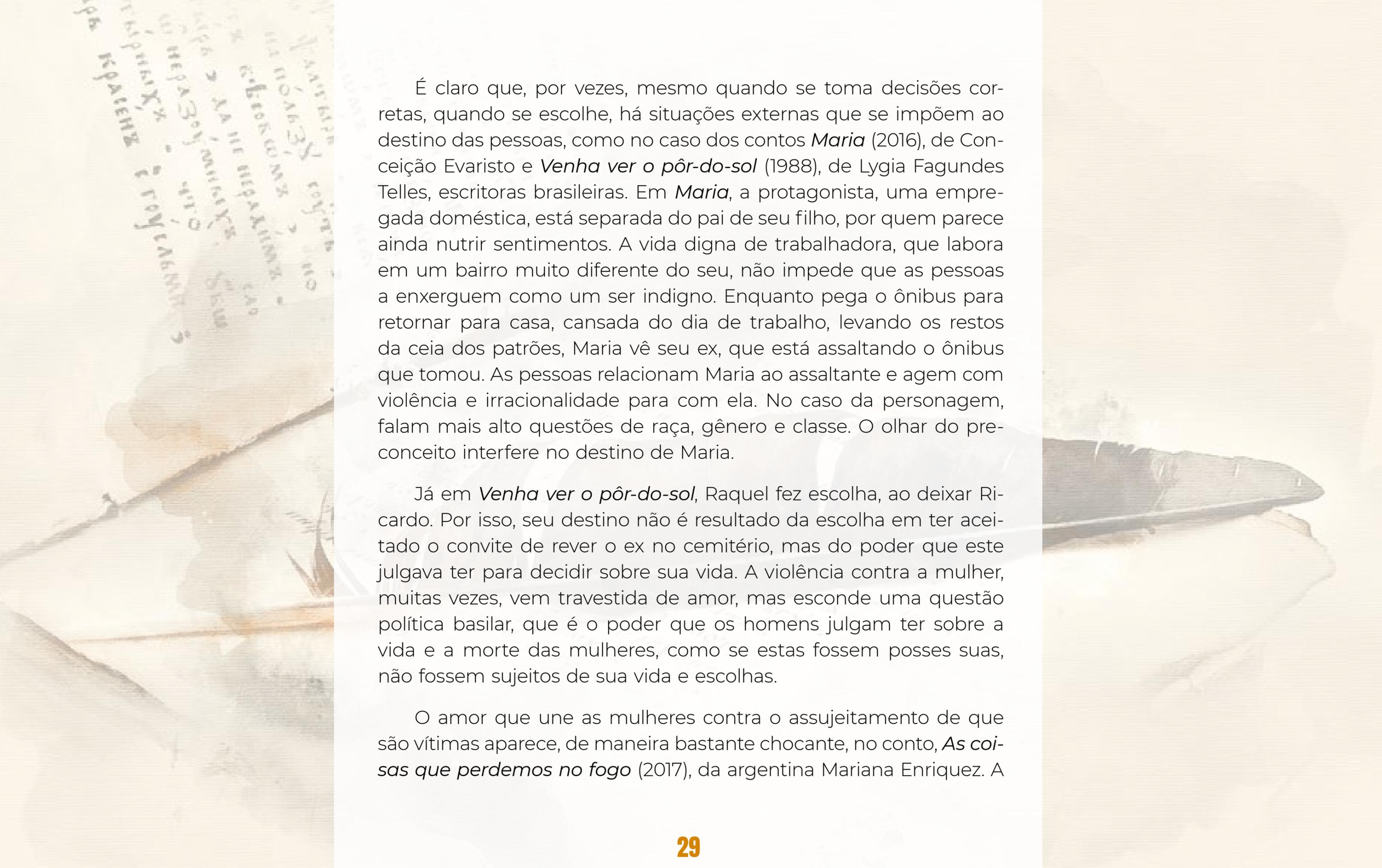


Mrs. Dalloway disse que ela mesma ia comprar as luvas.

Quando pisou na rua, o Big Bem estava batendo. Dava as onze, hora desocupada e fresca, como que enviada para crianças na praia. Mas na oscilação intencional das repetidas badaladas havia algo solene; algo que se refletia no murmúrio das rodas e no embaralhar das passadas.

Nem todas, sem dúvida, nos seus encargos, tinha a felicidade por fim. Há muito mais a se dizer sobre nós do que somente que andamos pelas ruas de Westminster. E, também, o Big Bem não é nada, senão varetas de aço que a ferrugem teria consumido, não fosse o zelo dos funcionários de Sua Majestade que o mantêm. Só para *mrs.* Dalloway o momento era completo; pois junho, para *mrs.* Dalloway, era um mês revigorante. (WOOLF, 2005, p. 213).

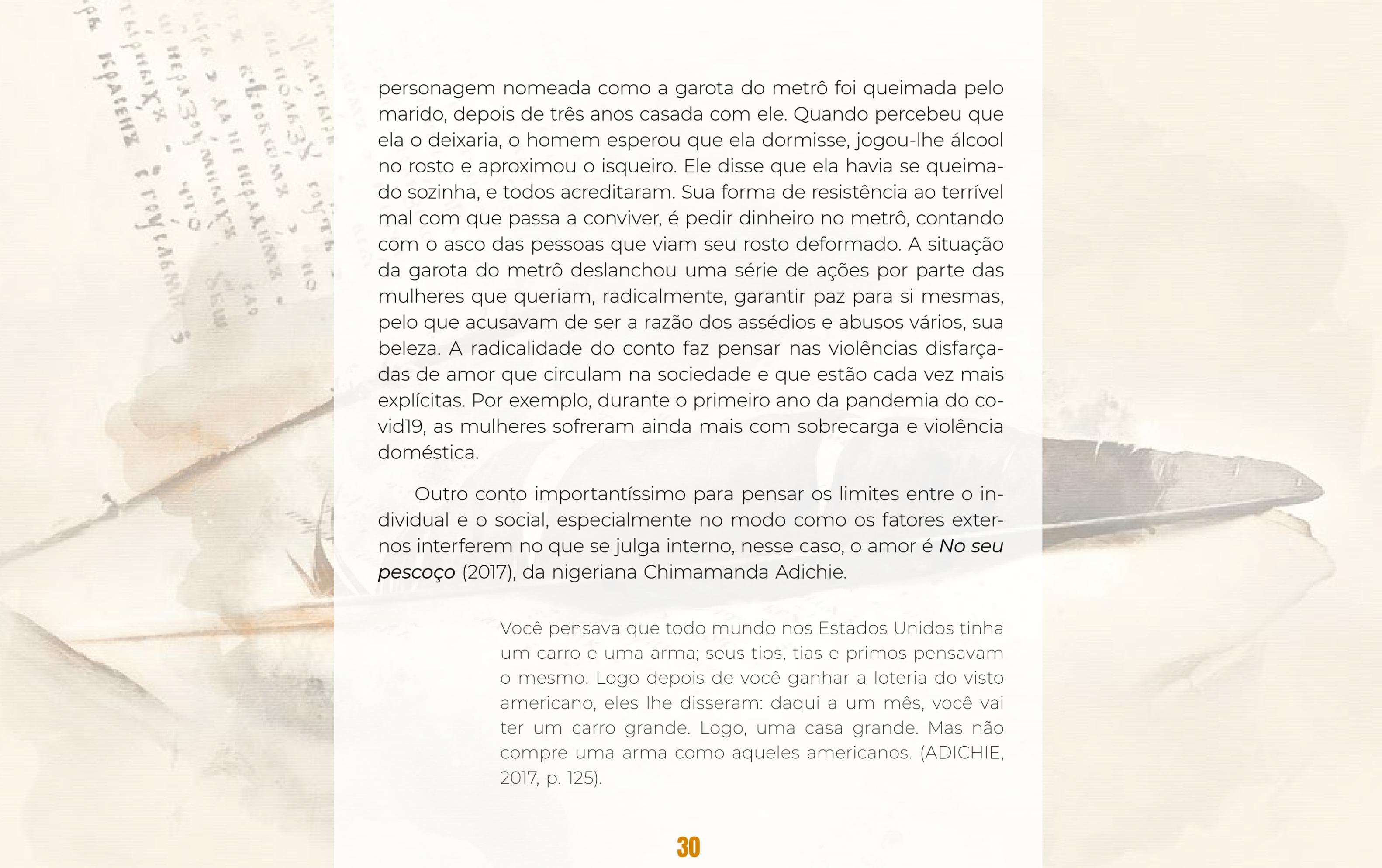
Se com Mansfield, há um êxtase sendo descoberto em si, com Woolf, dá-se um sentimento mais calmo, de serenidade, de plenitude. O interessante é que o narrador faz mergulhar em seus pensamentos, alternando o objetivo em sair de casa, a observação da vida na cidade e a conclusão sobre suas sensações em meio ao que vê. A cidade está movimentada, mas Clarissa está em paz. Uma sensação difícil nos dias de hoje, as pessoas são tomadas por ansiedades várias. Essa sensação revigorante da personagem é também um tipo de amor, amor pela vida que leva, na cidade que escolheu para viver.



É claro que, por vezes, mesmo quando se toma decisões corretas, quando se escolhe, há situações externas que se impõem ao destino das pessoas, como no caso dos contos *Maria* (2016), de Conceição Evaristo e *Venha ver o pôr-do-sol* (1988), de Lygia Fagundes Telles, escritoras brasileiras. Em *Maria*, a protagonista, uma empregada doméstica, está separada do pai de seu filho, por quem parece ainda nutrir sentimentos. A vida digna de trabalhadora, que labora em um bairro muito diferente do seu, não impede que as pessoas a enxerguem como um ser indigno. Enquanto pega o ônibus para retornar para casa, cansada do dia de trabalho, levando os restos da ceia dos patrões, Maria vê seu ex, que está assaltando o ônibus que tomou. As pessoas relacionam Maria ao assaltante e agem com violência e irracionalidade para com ela. No caso da personagem, falam mais alto questões de raça, gênero e classe. O olhar do preconceito interfere no destino de Maria.

Já em *Venha ver o pôr-do-sol*, Raquel fez escolha, ao deixar Ricardo. Por isso, seu destino não é resultado da escolha em ter aceitado o convite de rever o ex no cemitério, mas do poder que este julgava ter para decidir sobre sua vida. A violência contra a mulher, muitas vezes, vem travestida de amor, mas esconde uma questão política basilar, que é o poder que os homens julgavam ter sobre a vida e a morte das mulheres, como se estas fossem posses suas, não fossem sujeitos de sua vida e escolhas.

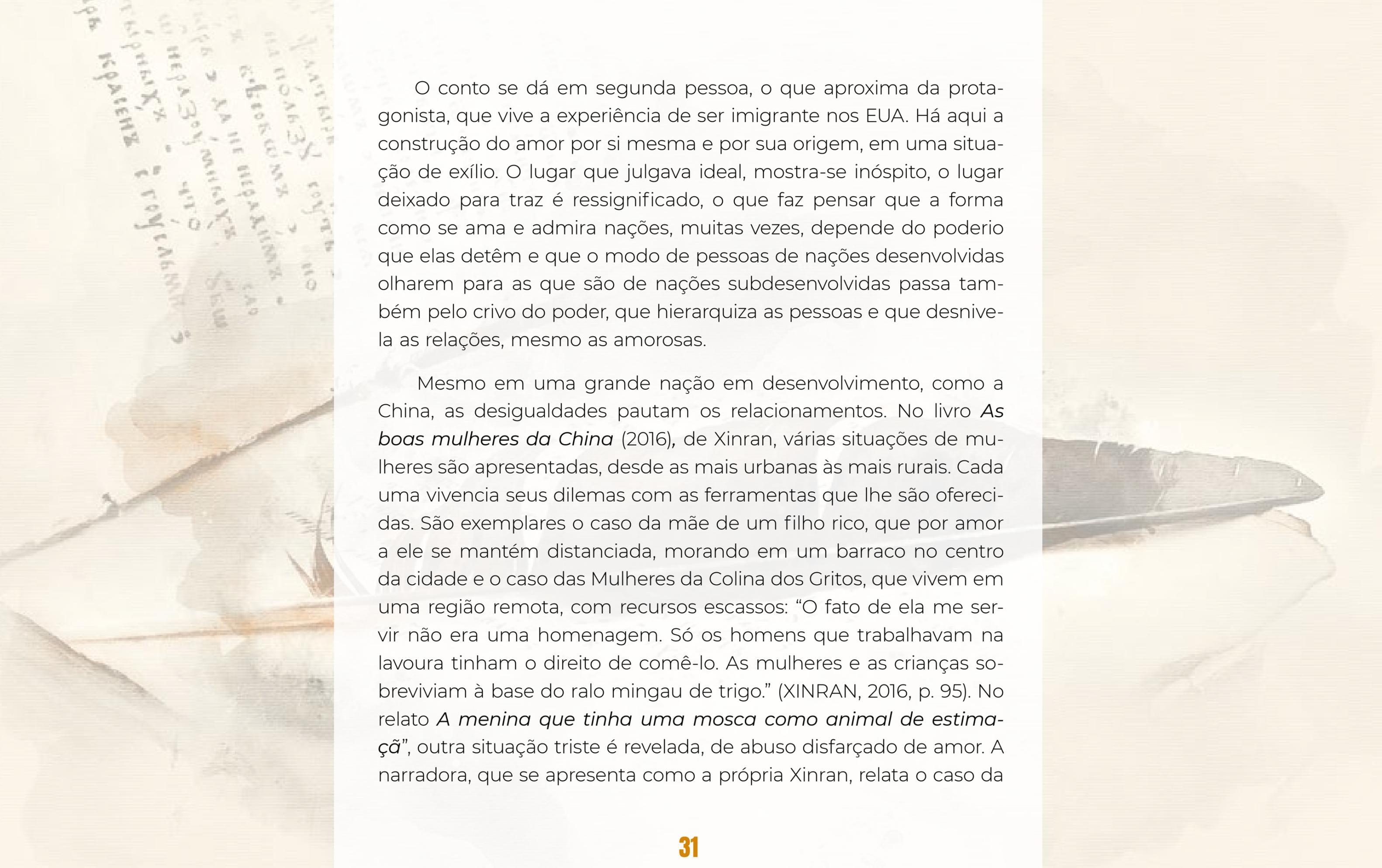
O amor que une as mulheres contra o assujeitamento de que são vítimas aparece, de maneira bastante chocante, no conto, *As coisas que perdemos no fogo* (2017), da argentina Mariana Enriquez. A



personagem nomeada como a garota do metrô foi queimada pelo marido, depois de três anos casada com ele. Quando percebeu que ela o deixaria, o homem esperou que ela dormisse, jogou-lhe álcool no rosto e aproximou o isqueiro. Ele disse que ela havia se queimado sozinha, e todos acreditaram. Sua forma de resistência ao terrível mal com que passa a conviver, é pedir dinheiro no metrô, contando com o asco das pessoas que viam seu rosto deformado. A situação da garota do metrô deslançou uma série de ações por parte das mulheres que queriam, radicalmente, garantir paz para si mesmas, pelo que acusavam de ser a razão dos assédios e abusos vários, sua beleza. A radicalidade do conto faz pensar nas violências disfarçadas de amor que circulam na sociedade e que estão cada vez mais explícitas. Por exemplo, durante o primeiro ano da pandemia do covid19, as mulheres sofreram ainda mais com sobrecarga e violência doméstica.

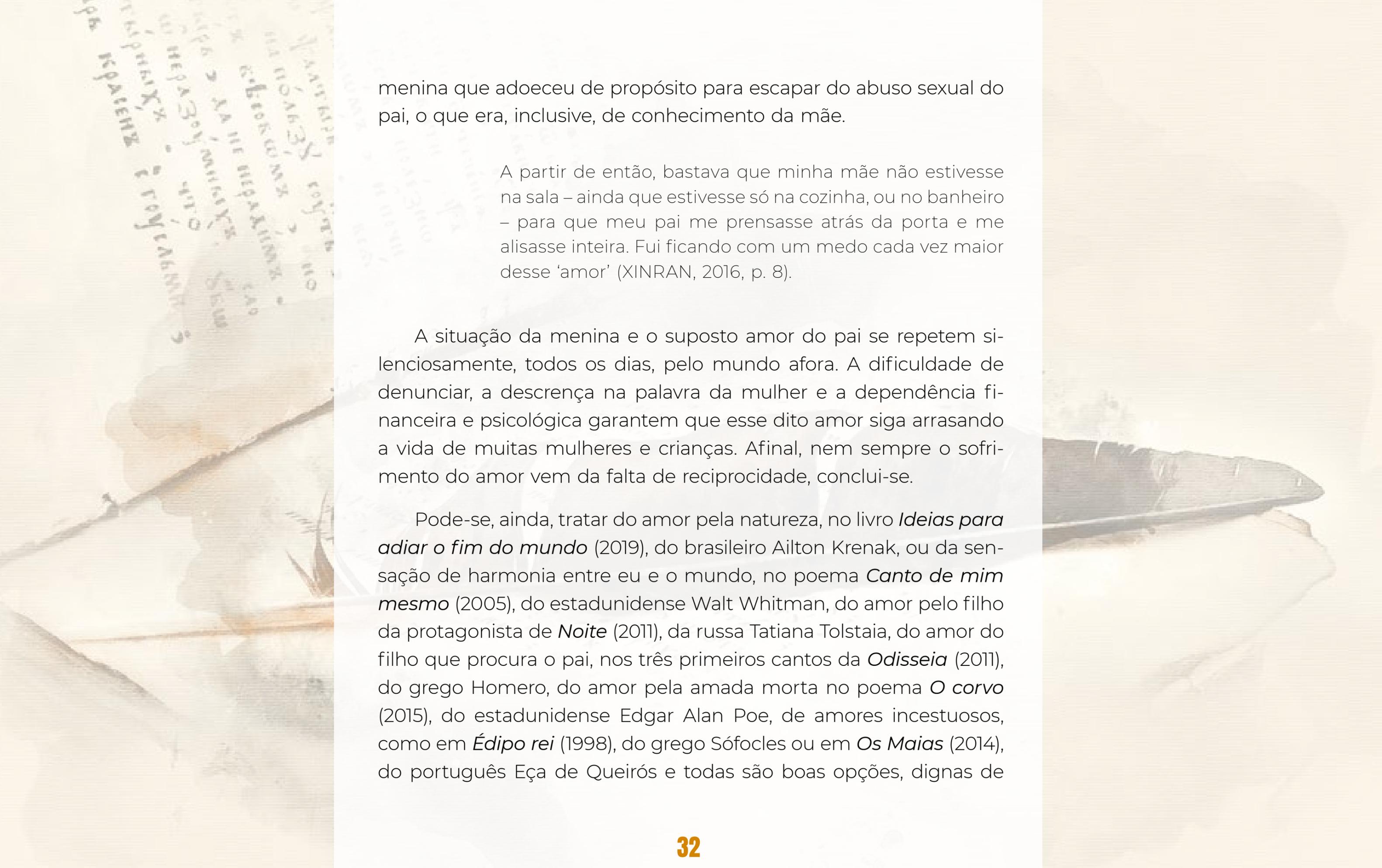
Outro conto importantíssimo para pensar os limites entre o individual e o social, especialmente no modo como os fatores externos interferem no que se julga interno, nesse caso, o amor é *No seu pescoço* (2017), da nigeriana Chimamanda Adichie.

Você pensava que todo mundo nos Estados Unidos tinha um carro e uma arma; seus tios, tias e primos pensavam o mesmo. Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano, eles lhe disseram: daqui a um mês, você vai ter um carro grande. Logo, uma casa grande. Mas não compre uma arma como aqueles americanos. (ADICHIE, 2017, p. 125).



O conto se dá em segunda pessoa, o que aproxima da protagonista, que vive a experiência de ser imigrante nos EUA. Há aqui a construção do amor por si mesma e por sua origem, em uma situação de exílio. O lugar que julgava ideal, mostra-se inóspito, o lugar deixado para trás é ressignificado, o que faz pensar que a forma como se ama e admira nações, muitas vezes, depende do poderio que elas detêm e que o modo de pessoas de nações desenvolvidas olharem para as que são de nações subdesenvolvidas passa também pelo crivo do poder, que hierarquiza as pessoas e que desnive-la as relações, mesmo as amorosas.

Mesmo em uma grande nação em desenvolvimento, como a China, as desigualdades pautam os relacionamentos. No livro *As boas mulheres da China* (2016), de Xinran, várias situações de mulheres são apresentadas, desde as mais urbanas às mais rurais. Cada uma vivencia seus dilemas com as ferramentas que lhe são oferecidas. São exemplares o caso da mãe de um filho rico, que por amor a ele se mantém distanciada, morando em um barraco no centro da cidade e o caso das Mulheres da Colina dos Gritos, que vivem em uma região remota, com recursos escassos: “O fato de ela me servir não era uma homenagem. Só os homens que trabalhavam na lavoura tinham o direito de comê-lo. As mulheres e as crianças sobreviviam à base do ralo mingau de trigo.” (XINRAN, 2016, p. 95). No relato *A menina que tinha uma mosca como animal de estimação*, outra situação triste é revelada, de abuso disfarçado de amor. A narradora, que se apresenta como a própria Xinran, relata o caso da

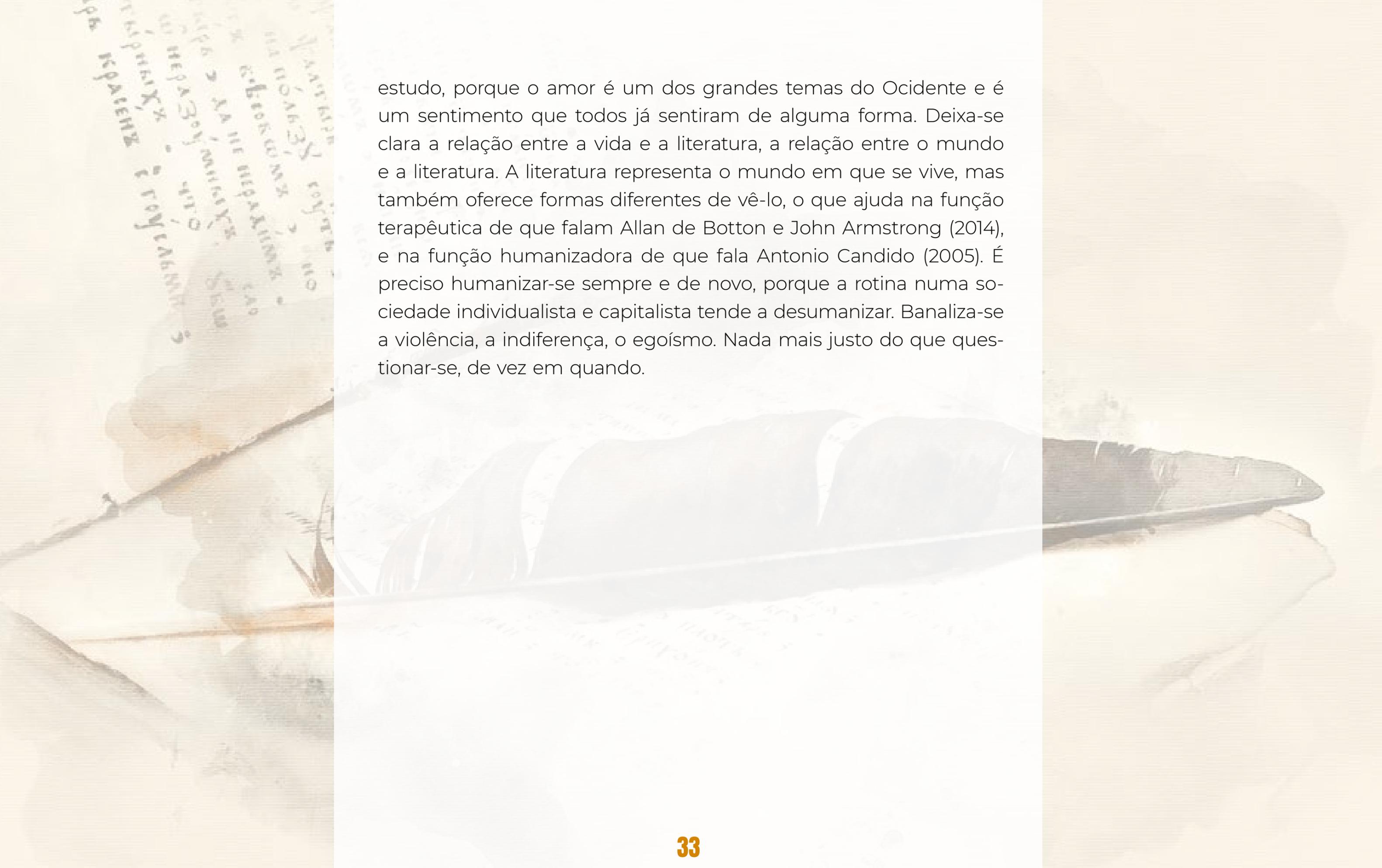


menina que adoeceu de propósito para escapar do abuso sexual do pai, o que era, inclusive, de conhecimento da mãe.

A partir de então, bastava que minha mãe não estivesse na sala – ainda que estivesse só na cozinha, ou no banheiro – para que meu pai me prensasse atrás da porta e me alisasse inteira. Fui ficando com um medo cada vez maior desse ‘amor’ (XINRAN, 2016, p. 8).

A situação da menina e o suposto amor do pai se repetem silenciosamente, todos os dias, pelo mundo afora. A dificuldade de denunciar, a descrença na palavra da mulher e a dependência financeira e psicológica garantem que esse dito amor siga arrasando a vida de muitas mulheres e crianças. Afinal, nem sempre o sofrimento do amor vem da falta de reciprocidade, conclui-se.

Pode-se, ainda, tratar do amor pela natureza, no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), do brasileiro Ailton Krenak, ou da sensação de harmonia entre eu e o mundo, no poema *Canto de mim mesmo* (2005), do estadunidense Walt Whitman, do amor pelo filho da protagonista de *Noite* (2011), da russa Tatiana Tolstaia, do amor do filho que procura o pai, nos três primeiros cantos da *Odisseia* (2011), do grego Homero, do amor pela amada morta no poema *O corvo* (2015), do estadunidense Edgar Allan Poe, de amores incestuosos, como em *Édipo rei* (1998), do grego Sófocles ou em *Os Maias* (2014), do português Eça de Queirós e todas são boas opções, dignas de



estudo, porque o amor é um dos grandes temas do Ocidente e é um sentimento que todos já sentiram de alguma forma. Deixa-se clara a relação entre a vida e a literatura, a relação entre o mundo e a literatura. A literatura representa o mundo em que se vive, mas também oferece formas diferentes de vê-lo, o que ajuda na função terapêutica de que falam Allan de Botton e John Armstrong (2014), e na função humanizadora de que fala Antonio Candido (2005). É preciso humanizar-se sempre e de novo, porque a rotina numa sociedade individualista e capitalista tende a desumanizar. Banaliza-se a violência, a indiferença, o egoísmo. Nada mais justo do que questionar-se, de vez em quando.

Considerações finais

Quando pensamos a relação entre a literatura e o mundo, alguns fatores devem ser levados em consideração, como buscamos mostrar neste ebook. Primeiro, que o que chamamos mundo nada mais é do que um planeta entre tantos astros do universo. Depois, que o mundo que ora conhecemos foi construído a partir da organização dos seres humanos em sociedades mais e mais complexas, que se utilizaram da natureza e de outros seres para a manutenção de seu lugar de poder e decisão.

A partir da revolução cognitiva, pudemos criar lendas, contos, mitos, religiões. Com a revolução agrícola, pudemos nos assentar e formar grupos maiores, com ordens imaginadas compartilhadas capazes de manter milhares e milhares de pessoas pensando de forma semelhante em relação ao que se come, a como se veste e a como se comporta, etc. Por fim, com a revolução tecnológica, uma experiência maior de ordens imaginadas possibilitou um mundo conectado, com maior profusão de informações e contatos de toda sorte. A Terra, com seus seis continentes, e a preponderância das sociedades letradas tem produzido literatura que aborda vários temas ligados ao ser humano. Escolhemos o tema do amor e buscamos, aqui, demonstrar com ele aparece de formas várias, assim como são variadas as formas de se relacionar no mundo. Esperamos que, com



essa abordagem, você, leitor, tenha entendido como a literatura é importante no mundo e como, ao conhecer mais e mais obras literárias, podemos entender melhor o lugar em que vivemos e as pessoas com as quais nos relacionamos. Este ebook complementa o anterior, que apresenta as várias formas de estudar a literatura. Com a leitura dos dois, temos o básico para saber o que buscar em nosso processo de formação como professores, que nos seguirá por toda nossa carreira docente.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda. *No seu pescoço*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALCOFORADO, Mariana. *Cartas portuguesas*. Tradução Vítor Amaral de Oliveira. Lisboa: Canto redondo, 2020.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Os livros e a Escola do Tempo. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BOTTON, Allain; ARMSTRONG, John. *A arte como terapia*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CATULO. In: POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Tradução Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.

GOETHE. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Tradução Pedro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução Janaína Marcoantonio. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

MANSFIELD, Katherine. *15 contos escolhidos*. Tradução Mônica Maia. São Paulo: Mediafashion/Folha de São Paulo, 2017.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor no Ocidente*. Tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanapara, 1988.

SAFO. *Poemas*. Ciberfil Literatura Digital, 2002.

XINRAN. *As boas mulheres da China*. Tradução de . São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WOOLF, Virgínia. *Contos completos*. Tradução Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ
UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Prof.^a Dr.^a Claudia Maris Tullio

Coordenadora Geral Curso

Prof. Dr. Léo Raifur

Coordenador Geral NEAD

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crissi Knuppel

Coordenadora Geral UAB / Unicentro

Prof. Ms.^a Marta Clediane Rodrigues Anciutti

Coordenadora de Programas e Projetos

Denise Holzer

Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt

Revisora

Espencer Avila Gandra

Designer Gráfico